A decorative border of wheat stalks, with the heads of the wheat forming a central archway that frames the text. The stalks are rendered in a detailed, woodcut style.

ANTONIO SARDNHA :



A EPOPEIA
D PLANICIE

A Epopeia da Planície



: COIMBRA :
FRANCA AMADO, EDITOR
: MCMXV :

THE
LIBRARY
OF THE
MUSEUM OF
COMPARATIVE ZOOLOGY
AND ANATOMY
HARVARD UNIVERSITY
CAMBRIDGE, MASS.

RECEIVED
MAY 10 1907
ZOOLOGY DEPARTMENT
HARVARD UNIVERSITY
CAMBRIDGE, MASS.

F. J. Martins Pereira

1936 / Jan.^o

N.^o 1016

A Epopeia da Planície



MUNICIPAL DO CONCELHO
- DE -
MONFORTE

DO AUTOR :

Tronco reverdecido. Liricas. 1910.

Poesias premiadas nos Jogos-Floraes de Salamanca. De
colaboração com Hippolyto Raposo, Alberto Monsaraz,
Manuel Eugenio Massa e Cardoso Martha. 1910.

O valor da Raça. Introdução a uma campanha nacional.
1915.

A SEGUIR :

A reabilitação de D. João VI.

A pequena casa lusitana.

821.134.3-1
SHR

ANTONIO SARDINHA

(ANTONIO DE MONFORTE)

A Epopeia da Planicie

Poemas da Terra
e do Sangue.



COIMBRA

F. FRANÇA AMADO, EDITOR

—
1915

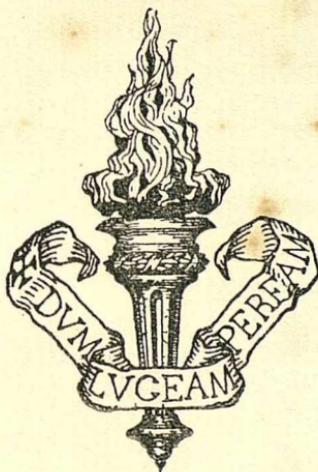


*Em dois sitios me achareis
Por desgraça ou por ventura,
Os ossos na sepultura
E a alma nestes papéis.*

BANDARRA.

*« Tout m'arrête, me parle, m'écoute,
tout m'est un buisson ardent. »*

MAURICE BARRÉS.





Em memoria de Lopo,
meu filho único,

vindo ao mundo em dia de S. Basilio,
Doutor da Igreja, e renascido para o
Senhor, passado um ano, em dia de
S. Pedro, Apostolo.

« Nasceste em roupas de preço,
onde é que irás acabar ?
Eu peço a Deus que te leve,
se te não ha-de guardar ! »

Da Toada do Menino.



Invocação

Ó *Terra de Antre Tejo e Guadiana,
onde ha contrabandistas e malteses,
— ó Terra que és fronteira á castelhana
e a tens metido em ordem tantas vezes!*

*Terra das claras vilas com cegonhas
no alto dos mirantes sôbre o imenso!
(Paisagens religiosas e tristonhas
aonde o rosmaninho faz de incenso...)*

*(Ruínas penduradas no Distante
com atitudes calmas de ermitério...).*
— Ó Terra, em cujo chão febricitante
palpita um formidável cemiterio!

*Terra das fortalezas truculentas,
minha adeantada-mór de Portugal,
— ó Terra que o abasteces, que o sustentas,
que és um celeiro enorme, sem igual!*

*Ó Terra que da espada aventureira
tiraste ao vir das pazes a charrua!
(O arado quando chega a sementeira,
como ele empeça em tanta ossada nua!)*

*Terra de coração em brasa viva,
queimando no furor canicular!
Terra de quem a gente se cativa,
se a agua das nascentes lhe provar!*

*Terra de natural dormente e langue,
onde padecem lobis-homens, bruxas...*

— (*Voz do Longinquo, ó tentação do Sangue,
não sei em que ânsias doidas me estrebuchas!*)

*Ó Terra estranha que a perder nos deitas
com endemoninhada beberagem!*

*Ó Terra da lavoira, das colheitas,
das feiras e arraiaes, — da ciganagem!*

*Terra de San-João de Deus, ó Terra
onde a Rainha-Santa quis morrer!*

— (*Á flor dos horisontes paira e erra
uma saudade líquida a escorrer...*)

*Terra de meus Avós, dos bons Maiores,
aonde a minha Árvore descansa!*

*Terra regada com os seus suores,
aonde eu vejo a sua semelhança!*

*A sua semelhança está comigo,
em mim a cada hora se renova,
ó Terra que me foste berço amigo,
ó Terra que serás a minha cova!*

*Postas as mãos, em oração ardente,
ó Terra de Crisfal e Bernardim,
peço-te a benção comovidamente,
— que a tua benção desça sôbre mim!*

Letreiro

Tudo o que eu sou, o sou por obra e graça
da comoção rural que está comigo.
Foi a virtude lírica da Raça
a herança que eu herdei do sangue antigo.

Foi esta voz que em minhas veias passa
e atrás da qual, maravilhado, eu sigo.
Como um licor de encanto numa taça,
assim se quiere esse condão comigo.

Olhai-me : — Eu vim de honrados lavradores.
De avós a netos, sempre os meus Maiores
fitaram o horizonte que hoje eu fito.

« O que estaria além da curva estreita ? »

— E da pergunta, a cada instante feita,
nasceu em mim a ânsia p'ra o Infinito.

Epitalâmio

« *Hymen, oh Hymeneu...* »

DO CANTO GREGO.

Sou o inimigo, o hóspede estrangeiro,
que te ganhou á tua parentela.
Houve combates, justas no terreiro,
tive que me provar com toda ela.

Fui o inimigo, o hóspede estrangeiro,
que te ganhou por força á parentela.
Mas hoje os meus Avós são teus Avós,
— démos um nó cerrado, um nó meeiro,
ó minha carnalíssima Costela,
ó Voz da minha voz!

De agulha de oiro, de dedal de prata,
bordavas lenços finos á varanda!
Suspensa do pesponto, olhaste a rua.
E doce e timorata,
assim te vi por essa tarde branda,
tal como Dona Iria
no alpendre que de cravos se debrua,
quando p'la estrada o Cavaleiro ia.

Mas como o Cavaleiro do Rimance,
não te levei depois p'la noite espessa
a escuro matagal.
Não te iludi em traiçoeiro lance,
nem te deixei o corpo numa eça,
trouxe-te simplesmente ao leito conjugal.

« *Hymen, oh Hymeneu!* . . . »

P'lo Sal e mais p'la Agua
démos um nó cerrado, um nó meeiro,
ó minha carnalissima Costela,
que eu, o inimigo, o hóspede estrangeiro,
arrebatei por força á parentela.

Ficaram as bonecas no larário
da tua infancia em que outro sangue é rei.
No átrio, junto ao Fogo hereditario,
a roca te entreguei.

« *Hymen, oh Hymeneu!*... »

P'lo Sal e mais p'la Agua
has-de ser Caia aonde eu seja Caio,
— serás Senhora aonde eu fôr Senhor!
Cantando, me darás o manto e o saio,
que eu te darei, cantando, o pão e o amor!

E a chuva fez-se nossa convidada.

Choveu, — que bom anuncio de abastança!
Vinho entornado, trigo com fartura,
— tudo nos assegura,
que a roda da Fortuna está travada,
que a sorte o seu favor nos afiança!

« *Hymen, oh Hymeneu!...* »

E o espírito dos Manes
adeja em derredor da câmara impoluta
— a árvore ancestral vae vêr-se re florida!
Demonio do Desejo, não profanes
esse acto de resgate em que se escuta
na câmara em silencio o cantico da Vida!

Trocaste o veu de Virgem recatado
p'lo anel de Esposa que eu te pús no dedo.
P'ra não passar a outros o morgado,
que sejas mãe bem cêdo!

« *Hymen, oh Hymeneu!...* »

— Mas que segundo
em que se abraça a eternidade toda!
Viéram os Avós do Outro-Mundo
e assistem no silencio á nossa Boda.

Viéram devagar das Profundezas
em que se lhes delia o pó funéreo,
como no instante em que Jesus desceu
a batizar no Limbo as almas presas.
E agora
a surreição da Carne, *oh Hymen, Hymeneu!*
opera-se na alcova de mistério!

« *Hymen, oh, Hymeneu! . . .* »

P'los tempos fóra
que Deus a geração nos acrescente!
E assim, ó Muito-Amada,
quando estivermos já em cinza e nada,
possa um milagre como o desta hora
dar-nos por um momento o sêr de gente!



A lição dos Horizontes

Um ceu dormente
morre nas curvas baças do Horizonte...
E Ceus e Longes, Horizonte e Ceus,
abraçam-se, confundem-se irmãmente.

Abraçam-se, confundem-se irmãmente,
— e nem eu sei, ó Horizontes rasos,
atrás de que alto enlevo é que abalais,
sempre com ar ausente,
suspensos, misteriosos, sempre iguais!

Ruím quebranto
que de indizíveis coisas nos alaga,
por todo êste concavo em que habito
vai uma ânsia indefinida, vaga.
Não sabe a gente,
na indecisão em que ela ondeia e erra,
onde termina a Terra e se entra no Infinito,
onde o Infinito acabe e seja a Terra!

A estrofe embaladora da Distancia,
num marulhar de encanto, em nossas veias
dilui-se em opio, em opio se desfaz.
Atrás da fluida estancia,
abalam sem partir os Horizontes,
que essa cantiga, irmã da das sereias,
arrastadoramente os leva atrás!

Sempre com ar ausente,
lembram o monje ouvindo o passarinho,
— não ha poder que o extase lhes quebre...
Ó alma, eu adivinho
a embriaguez que assim os põe em febre!

Se eu soffro, se eu padeço o mal sem nome
que aos Horizontes fundos traz enfermos!
Filtro de perdição, a mim tomou-me
a mesma perturbante bruxaria
que a vós vos inebria,
ó solidões natais, ó pensativos ermos!

« O que estará p'ra além?... »

E aceso em sonhos,
eu me debruço, pobre infeitiçado,
sôbre maravilhosos panoramas.
Obra de mau-olhado,
és um licor ardente de medronhos,
ó voz de tentação que a mim me levas,
— ó voz de tentação que a mim me chamas!

Quero abalar, seguir os Horizontes,
— grandes caminhos, quero conhecer-vos!
Não me amedrontes
tu, incerteza de tornar mais tarde!
Quero abalar, seguir os Horizontes,
— grandes caminhos, quero conhecer-vos!

Eu amo a sina
que da nascença á morte me destina
a ser Dom Frey-Professo da Aventura!
Ó boqueirão de luz, rasgado no Poente,
responde,
responde ao que minh'alma te procura!
Aonde é que eu irei, seguindo sempre em frente?
Aonde? Aonde? Aonde?

E dura, na paisagem sonolenta,
corta-se a Estrada-Nova.
Ora aparece aos upas nos cabeços,
ora descai depois nalguma cova.

E pranta-me doente a linha branca,
andando, andando, andando sem parar.
Aqui desmaia, mais além arranca.
E no escampado enorme,
enquanto o ceu sobre o horizonte dorme,
é uma cobra aos rastos, devagar.

Moram no azul perfis de antigas vilas
com tôrres alvas no carvão dos muros.
E a Estrada-Nova, lenta, p'ra atingi-las,
lá vai marcando os passos mal seguros.

E chega. E parte.

Ha outros Horizontes.

P'ra além daqueles mais e mais ainda.
E a Estrada-Nova
tanto se alteia como se corcova,
— a ânsia de vence-los nunca finda!

Dará em pouco tempo a volta ao Mundo,
e sem satisfazer o doido intento!
Com novas assomadas,
a cada altura, o ardor se lhe renova.
Ao frio e ao vento,
lá vae andando como um vagabundo,
— lá vai andando sempre a Estrada-Nova!

Ha-de, porêm, chegar a certo ponto
em que outra vez se veja na Planicie.
P'ra que é que ela, afinal, se desenrola,
se não passando o Mundo duma bola,
vem a encontrar-se aonde agora vai,
como se não partisse?!

Ó círculo da Vida! Ó mito da Serpente!
Só é feliz quem a lição te aprova!
Meu coração, descansa, não te agites,
— não sejas tu também a Estrada-Nova!

A posse da Existencia está somente
na aceitação gostosa dos Limites!

Exalta-te, mas fica! Não te sumas,
meu coração, na febre de abalar!
Desejos sem raiz são cinza, espumas,
— desfazem-se no ar!

Olha, menino e moço, os Horizontes
querem partir, mas deixam-se ficar!

Senhora do Ó

A nossa casa tem um ar de igreja.
Ha tēmporas de Esperança em toda ela.
Que vale esta morada que é singela,
p'ra que o favor de Deus assim a eleja?

Louvado seja, amen, louvado seja,
Quem faz da nossa casa uma capela!
Ha tēmporas de Esperança em toda ela,
— esta morada tem um ar de igreja.

E, ó virgem grávida, um sinal de graça
te envolve e te distingue sobre o ventre,
onde o mistério a carne já repassa!

Festa da Expectação, florido altar...
— Quando o Menino em nossa casa entre,
que não te falte o leite p'ra o criar!

À pedra da lareira

« ... na parede das cozinhas (no Alentejo) se vê a "boneca" ... ou frade, de tijolo, o que ... se correlaciona com o Lar familiaris. »

Leite de Vasconcelos, « RELIGIÕES DA LUSITANIA. »

O espírito da Casa se incarnara,
em ti ganhou feições, tomou feitio.
Quem hoje, desprezada, o lume ampara,
por ela o lume ardeu, temente e pio.

A gente dalgum dia em ti criara
um deus familiar, sem atavio.
Eu me persino, ó minha Pedra-de-Ara,
e sobre ti o invoco e propicio!

De pais a filhos, num cortejo imenso,
altar doméstico, tu és a fala
dessa ascensão carnal d'aonde eu vim!

E assim á tua face, quando penso
que a vida que me déram hei-de da-la,
sinto a Imortalidade dentro em mim!

Sant'Ana

Candeia acesa, Encosto da Lareira,
ó Figa de Azeviche contra o Azar,
tu és um ramo verde de oliveira,
suspenso em ar de benção sôbre o lar.

Santa da minha invocação, Deus queira
com Seu poder teus dias aumentar!
Deus te acompanhe, doce Companheira,
— sirva-te o nome de anjo tutelar!

E como a Outra, como a Avó de Christo,
com o filhinho ao lado, já te avisto,
as letras ensinando-lhe ao depois.

Nem já te falta o livro p'ra a leitura.
Sant'Ana tinha os rolos da Escritura,
tu tens os versos que eu fizer aos dois.

O louvor da cal

Louvada seja, louvada,
a cal que a casa caiu!

De novo toda caiada,
nem uma sombra ficou,
— tão branca, tão igualada,
a cal de Deus a deixou!

Louvada seja, louvada,
a cal que a casa caiu!

Ó cal, melhor que a abastança,
tu és a irmã da alegria.
Postas na mesma balança,
uma p'la outra valia.

Tu és o luxo do pobre,
pompa de quem mais não tem.
Quanta miseria se encobre
com o valor dum vintem!

Caiar tem arte, quer geito,
mas que cuidado é preciso!
Caia-se a casa a preceito,
— sinal de boda ou batizo.

Uma casinha caiada,
por muito humilde que seja,
tem sempre a cara lavada,
tem sempre uns modos de igreja.

Que brigas vão na lareira,
que teimas vão na cozinha!
O fumo quere-a trigueira,
a dona quere-a branquinha.

Que linda a casa aceiada,
— quanta demão não levou!
Louvada, seja louvada,
a cal que a casa caiu!

P'ra a cal tirou-se da mesa,
como esta vida é tristonha!
Não fica mal a pobreza,
mas ser-se sujo envergonha.

Batem as festas á porta,
ninguem nos dá que fazer!
Ha cal? O resto que importa?
Sempre ha-de haver p'ra comer!

Por cara, ó cal, que te vendas,
a gente compra-te á rasa.
És como as fitas e as rendas
p'ra a bôa dona de casa!

Quando se muda a morada,
vae pô-la a cal como nova.
Por isso a cal, ajustada,
conosco abala p'ra a cova.

Louvada seja, louvada,
a cal que a casa caiou!

De novo toda caiada,
nem uma sombra ficou,
— tão branca, tão igualada,
a cal de Deus a deixou!

Louvada, seja louvada,
a cal que a casa caiou!

A roca

Aí a tens, ó minha doce Amiga!
Empunha-a como um scetro, nobremente.
E não te esqueças que a mulher antiga
com ela é que vestia a sua gente.

Entrego-t'a em sinal da realza
que toda a esposa exercè sobre o lar.
Desde que tu a aceitas, ficas presa,
cumpre-te a obrigação de o vigiar!

Enquanto eu môo o trigo e serro a lenha,
fazendo que a abundancia nos sorria,
— que a tudo em casa a tua mão provenha,
não deixes de velar de noite e dia!

Darás as ordens, reparando em tórno,
pois pode haver alguém que não as guarde.
Tu propria irás deitar o pão no forno,
colher a fruta no pomar, á tarde.

A azáfama a cuidados não te poupa,
qualquer serviço tu de pronto o abarcas.
A fim de o bicho não entrar na roupa,
maçãs-de-cheiro espalharás p'las arcas.

Presides aos serões no inverno, quando
na cinza do borralho o fogo dorme.
As servas te rodeiam trabalhando,
aos pés se te enrodilha um gato enorme.

Ao lado pendem-te num molho as chaves,
na roca gira a estriga amarelenta.
E eu vejo-te a emendar com modos graves
a obra que uma serva te apresenta.

Não ha dona de casa mais falada,
o teu arranjo a voz geral o aclama.
São mãos prendadas essas mãos de fada,
a toda a parte chega a sua fama.

Sabes mézinhas, vales á pobreza,
das bençãos que recibes eu partilho.
Poucas pessôas conta a redondeza,
a quem não tenhas batizado um filho.

A terra que se alcança das janelas
anda ligada ao nosso nome honrado.
Graças a ti que junto ao lume velas,
prospera a olhos vistos o morgado.

P'los Reis, em teu louvor, a vizinhança
vem-nos erguer á porta o canto rude.
— Que vivas muitos anos na abundança,
— que vivas com riqueza e com saude!

E o som do adufe, lânguido, infinito,
quebra em soluços a noturna paz.
Que vivas muitos anos! — eu repito,
pensando na ventura que me dás.

Faço esse voto ardente a cada hora,
porque não ha ninguem que assim reúna,
ao zelo conjugal que te afervora,
a arte com que chamas a fortuna!

Cheios de orgulho, ó minha doce Amiga,
dirão os nossos netos ámanhã
que tu, a exemplo da mulher antiga,
guardaste a casa e que fiaste a lã!

A certa vila onde eu nasci

Foral. Assento em côrtes. Pelourinho.
E enquanto o grão recolhes e o enceleiras,
no velho escudo de armas adivinho
que entre as primeiras fôste das primeiras.

Cortam-se a prumo no brasão sanguinho
tres tôrres aguerridas e roqueiras.
Em cima, á flor do campo côr de vinho,
soltas ao ar, ondeiam tres bandeiras.

E a espada fez-se arado...

Não ha moiros
nem castelhanos já p'ra andar de áperta,
tudo é silencio e paz christã em ti...

Só eu, lembrando um bruxo sôbre agoiros,
resurjo agora essa poeira incerta,
leal e honrada vila onde nasci!

O elogio do púcaro

Tu és a minha companha,
eu tenho-te á cabeceira,
ó pucarinho de barro,
enfeite da cantareira.

Amigo certo e sabido,
matas a sede e o calor.
Tu vales mais do que pesas,
não se te paga o valor!

Meu bocadinho de barro,
chiando como um cortiço,
tu dás-te com toda a gente,
não te deshonras por isso!

Prantas a agua fresquinha,
sem ti não passa ninguém.
Mimo de reis e de bispos,
não custas mais que um vintem!

Assim, singelo e sem pompa,
ganhaste fama a Estremoz.
Ah, desgraçado daquele
que nunca á bôca te pôs!

És a cubiça das velhas,
contigo se enche um mercado.
Então a vista que metes,
quando tu és empedrado?!

Quero casar-me. Já tenho
dois pucarinhos pequenos.
Pois, p'ra principio de arranjo,
outros começam com menos!

— Amor, se fôres á feira
traz-me uma prenda galante.
Não tragas nada do ourives,
— um pucarinho é bastante!

Vae alta a febre, vae alta,
— p'ra que é que os médicos são?
Ó pucarinho de barro,
acode a esse febrão!

Eu nunca vi neste mundo,
que é gastador e que é louco,
coisa que tanto valesse,
mas que custasse tão pouco!

Assim, singelo e sem pompa,
tu déste fama a Estremoz!

— Ah, desgraçado daquele
que nunca á bôca te pôs!

A cantiga da pedra

E a pedra canta sob o escopro agréste,
canta argentina, canta satisfeita.
Pouco se importa com a mão que a investe,
mas é cantando que esse jugo aceita.

E a pedra canta...

Que alegria a sua!

Mas como pode, alma de Deus, cantar,
se o inferno continúa,
se a continúa o escopro a atanzar?!

A pedra canta...

— E canta quanto mais a dor a moe!
(Naquele corpo alvíssimo de santa
bate a valer um coração de heroi!)

Sofregamente, em volta
gira-lhe o escopro, ave de mau agoiro.
E a pedra canta...

Oh, que harmonia solta!
Como converte a angustia em notas de oiro!

A pedra não se cala. E o escopro fere-a
desabaladamente, cruamente.
Sempre embebida na cantiga aérea,
a pedra nem o sente!



Cantar-se quando se sofre,
não é razão p'ra estranhar!
Sinal que a febre anda alta,
se está o doente a cantar!

E a pedra canta, ao dar-lhe o sol em cheio,
em nada a oprime a garra que a esfacéla!
— Oh, a profunda noite donde veiu!
Oh, a Montanha, — o escuro ventre dela!

E a pedra canta...

Vê-se possuida,
tem quem lhe goze a esplendida nudez!
Sofre, — que importa? O sofrimento é vida!
Se amando e padecendo,
é como a vida sabe bem talvez!

Guardava-a a Serra com ciume louco,
não a largava a Serra nem a trôco
das joias que usa o Rey nas horas graves!
Não lhe chegava lá nem ar nem luz,
— vivia aferrolhada a sete chaves!

Nunca ninguém sofreu maior cruza,
— nunca ninguém sofreu tamanha cruz,
nem Silvaninha presa
por ordem dos parentes num castelo!
Não sei, não sei,
como lhe não murchou o corpo belo!

Mimosa infanta que nascesse escrava,
aquela carne moça palpitava
na gula de entregar-se toda, toda!
Seria do primeiro que encontrasse,
— quando soaria a vez da sua boda?!

E a pedra canta...
Golpe daqui, golpe p'ra ali, o escopro
rasga-a, mutila-a, no furor da orgia!
Oh, o prazer da virgem desflorada
que nada mais sacia,
senão a dor que a mata redobrada!

O escopro enrola-se no corpo lindo,
morde-o, remorde-o todo, numa furia.
È a pedra canta, canta, satisfeita...
Cantando e rindo,
mais lhe provoca a sôfrega lúxuria!

E o escopro não abranda, continúa
a massacrar a pobre carne nua.

A pedra canta, canta o sonho enorme
que lhe fecunda o sangue e a alma eleva.
(Dentro da pedra um grande génio dorme,
— bata-lhe o escopro e alumiará a treva!)

Boiam-lhe á flor da estrofe colos brancos,
cabeças apolineas, vultos doces...
— E, ó pedra, tremem-te os nevados flancos
como se a entrar nos Nove-Meses fôsses!)

E a pedra não se cala!

O corpo belo
desfibra-se em volutas caprichosas.
Brotam da surda raiva do martelo
acantos nobres e festões de rosas.

Surjam soberbos torsos, formas claras!
(Oh, a cegueira ideal dos velhos bustos!)
Colunas, florescei! Erguei-vos, aras!
Ninfas, fugi dos sátiros robustos!

Fale o cinzel divino dos helenos!
Contái, relevos,
como é que as vagas conceberam Venus!

O Ceu distante a Catedral o alcança.
A Catedral responda
ao canon impecavel dos Museus!
Ó mística ascensão, alada esperança,
vai d'onda em onda,
numa espiral de luz, morrer aos pés de Deus!

Crispem-se gestos, brotem atitudes,
conheça a pedra as linhas imortaes!
Porque é que vos torceis, ó troncos rudes?
Ó bocas,
porque é que vos abris e não chamais?

E pára o escopro, e pára o sofrimento.
Flor de maravilha,
a pedra libertada já não canta,
calou-se, emmudeceu...

Parece que se humilha
na gloria que a festeja e que a alevanta.

A pedra é triste. Que tristeza essa,
se ao corpo belo já ninguém o corta?!
A pedra é triste, sem que nada a aqueça.
Suspensa, fria,
deixou-a assim o sonho realizado,
— todo o seu extase é quimera morta!
Não vibra, já não sente, quem diria?

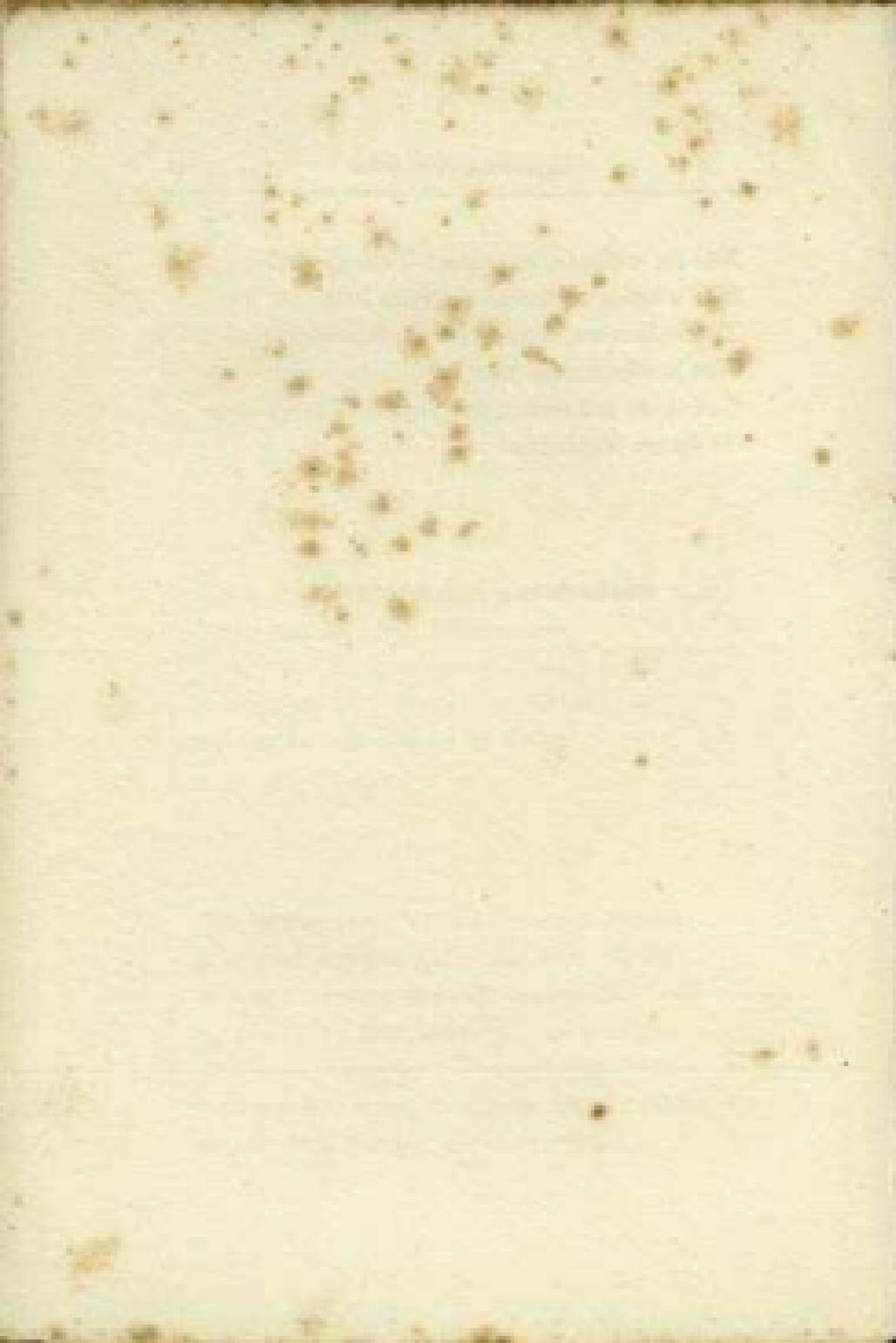
Não fôras tu jamais a obra eterna,
pura, acabada, olímpica, perfeita!
Fôra melhor jazer numa caverna
em bruto, sem feições, sob a Montanha
onde viveras sempre contrafeita!

Fôra melhor, ó vítima sagrada,
viver reclusa a tua adolescencia!
Eras mais livre, — o teu silencio o diz —,
sumida na Montanha, mergulhada
no ventre dela que te fez feliz!

Deu-te expressão a Arte ao sonho enorme,
p'lo qual passaste a dor dos Nove-Meses.
E agora o sonho vê-lo tão mesquinho,
— tão pobre de existencia,
como um filhinho,
com quem o amor da mãe se não conforme,
depois de o desejar por tantas vezes!

Não és, contudo, anónima! Tens gloria!
Não a terias nunca na pedreira!
Tu conhecestes, ó pedra, as linhas imortaes!
Mas já não cantas hoje...
Cativa do teu sonho, és prisioneira
da forma transitória.

Oh, a aflicção de não poder ser mais!



Balada do Vento-Norte

Passeia o Vento, passeia,
passeia em seu corredor.
Anda a estudar Shakspeare,
vai fazer vida de actor.

Rouqueja falas tremendas,
que nem el-rey Galaor.
Passeia o Vento, passeia,
só vê-lo mete pavor!

Cabelos em desalinho,
menções de grande furor.
Traz a família em cuidado,
já se chamou o doutor.

O físico não no entende,
tomou-lhe o pulso e o humor.
Com a luneta e a cabeça
teve um aceno de horror.

Passeia o Vento, passeia,
passeia em seu corredor.
« Infante, mostre-me a língua! »
— Nem respondia ao doutor.

Choram fidalgos e damas.
— Oh, que aflitivo clamor
lá no palacio gelado,
onde tu moras, senhor!

E o Vento, em largas passadas,
passeia em seu corredor,
— da mão um rolo pendente,
como convem num actor.

« Inês, ó colo de garça! »
— o Vento ruge de amor.
Chama-se o drama em ensaios:
— *Dom Pedro, Rey Bailador.*

E o vento não assossega,
irado, muda de côr.
Ninguém já vive com ele,
— nem aias nem preceptor.

Passeia o Vento, passeia,
só vê-lo mete pavor,
— manto caído p'ra as costas,
menções de grande furor.

Vai alta a noite, vai alta,
e o Vento sem se dispôr!
Já deu o grito de alerta
o galo madrugador.

Passeia o Vento, passeia...
E a Estrela-de-Alva, em tremor,
diz-lhe de longe com medo:
— « Vá-se deitar, meu senhor! »

Hora christã

Ah, quantas vezes penso
quando me pede um pobre pão e abrigo,
não seja Deus que esteja ali comigo,
todo escondido em Seu poder imenso!

Ah, quantos dias, quantos,
ao ver á minha porta em trapos velhos
um rosto de miseria, como ha tantos,
tenho vontade de cair de joelhos!

E lembro, ó corações empedernidos,
a historia, entre as que ouvia no passado,
que mais presente me anda nos sentidos!

Deixara um lavrador em paz o arado.
Tombara a noite. Vinha regressando
ao lume, á ceia, ao teto bem amado.

Ouve gemidos...

Triste, miserando,
morria de fraqueza, ao abandono,
alguem desfeito em anos, muito rôto.
— « Ó irmãosinho, o que é lá isso? É fome? É sono? »
E a bôa creatura dá-lhe o manto,
leva-o consigo na mulinha, a chouto.

Em casa foi p'ra ele o melhor canto.
Lavou-lhe os pés, sentou-o na lareira.
Lançou-lhe sôbre a cama seda e linho,
pô-lo na sua mesa, á cabeceira.

Vai-se deitar depois o pobresinho.
Mas lá p'la noite adentro geme, chora,
em grande queixa...

E logo, com carinho,
ergue-se o hospitaleiro sem demora.

Junto do catre, afasta-lhe a cortina...

— « Senhor,
eu sou um baixo, um duro pecador,
não vos mereço graça tão benina! »

Crucificado,
jazia numa cruz de prata fina
o pobre de ha bocado.

Ó homens, corações empedernidos
fazei o bem
a quanta alminha, a quanta, necessita,
— a mãos rasgadas, sem olhar a quem!

Um pobre á nossa porta
é sempre o Senhor Deus que nos visita!



A canção dos grandes caminhos

A LUIZ DE ALMEIDA BRAGA

E os ursos bailam compassadamente.
Bailam marcando a música arrastada
com que uma voz monótona, indolente,
barbaramente
soluça nem eu sei que lânguida toada.

Sonambula cantiga, tão serena,
essa que a amolentada voz desfia
não passa duma incerta cantilena,
não chega a definir-se em melodia.

Lembra uma sílaba espaiada, enorme,
que interminavelmente se espaçasse...
— A mãe curvada, quando o filho dorme,
assim é que o adormece face a face.

Assim é que a serpente cae vencida,
assim é que a fascina o encantador.
Á mesma nota, sempre repetida,
ninguem resiste seja lá quem fôr!

Ninguém resiste ao vácuo aliciante
com que a mortal canção nos acalenta,
pois nada pode haver que mais quebrante
do que essa estrofe errante,
subindo longa e lenta!

De longa e lenta quasi se imprecisa,
como uma coisa plana, horisontal.
Tão uniforme, tão pegada e lisa,
ouvi-la faz-nos mal!

Exala ópio a cantilena estranha...
E trémulo, e embrulhado, e abafadiço,
o adufe que em arrancos a acompanha
redobra-lhe o feitiço.

Não ha vontade que ela não alquebre!
Se nos apanha a chave dos sentidos,
deixa-os a arder em febre,
— não cede nunca sem os ver varridos!

E insiste, insiste, a pérfida sereia.
Tolda, embebada, o filtro peregrino.
— Agora entendo como se encadeia
o instinto da serpente, a alma do menino!

E os ursos bailam arrastadamente.
Marcam, bailando, a bárbara toada
com que uma voz monótona, indolente,
languidamente
soluça nem eu sei que endeixa endorminhada!

Os ursos bailam...

Tristes vagamundos
fazem baila-los p'ra matar a fome.
De mãos erguidas, d'olhos moribundos,
suspendem-se uns segundos,
enquanto o desvario os não retome.

Silva um chicote. Opacamente sôa
o adufe em roucos ais.

E os ursos seguem na coréa, á tôa,
seguem dançando, trôpegos, brutaes.

E a gente ri daquela ronda coxa!

Quando o azorrague a um dançarino espanca,
porque no baile afrouxa,
rimos com gosto, á gargalhada franca.

E a esparsa cantilena continúa.
Parece cinza que no ar se acama,
tão rasa como uma charneca nua!

Voz de bruxedo, lenga-lenga de ama,
meu Deus, que encanto o dela !
Chora-me dentro, nestas pobres veias,
— e que interditos longes não revela
ao sonho imenso de que as trago cheias !

E os ursos bailam compassadamente.
Bailam marcando a música arrastada
com que uma voz monótona, indolente,
languidamente
soluça nem eu sei que bárbara toada !

Como palavras mágicas na boca
dum medium delirando,
perturba-me a existencia a cantilena louca.
Atrás da ignota sedução debando,
perdido com as coisas que me evoca !

Debando, parto, em doida febre aceso,
atrás do canto inacabado, incerto...

Boémios, ursos, caravana em peso,
tudo se esvai e se dissolve e apaga
ante a visão maior p'ra que desperto!

A parda cantilena diz-me á alma,
de extensa, de infinita,
o extase da stepe que se espalma,
solene, austera, calma,
— e a aspiração do nómada que a habita.

Como uma beberagem de medronho,
pôs-me a cabeça á roda a trova baça.
Sinto-me livre!...

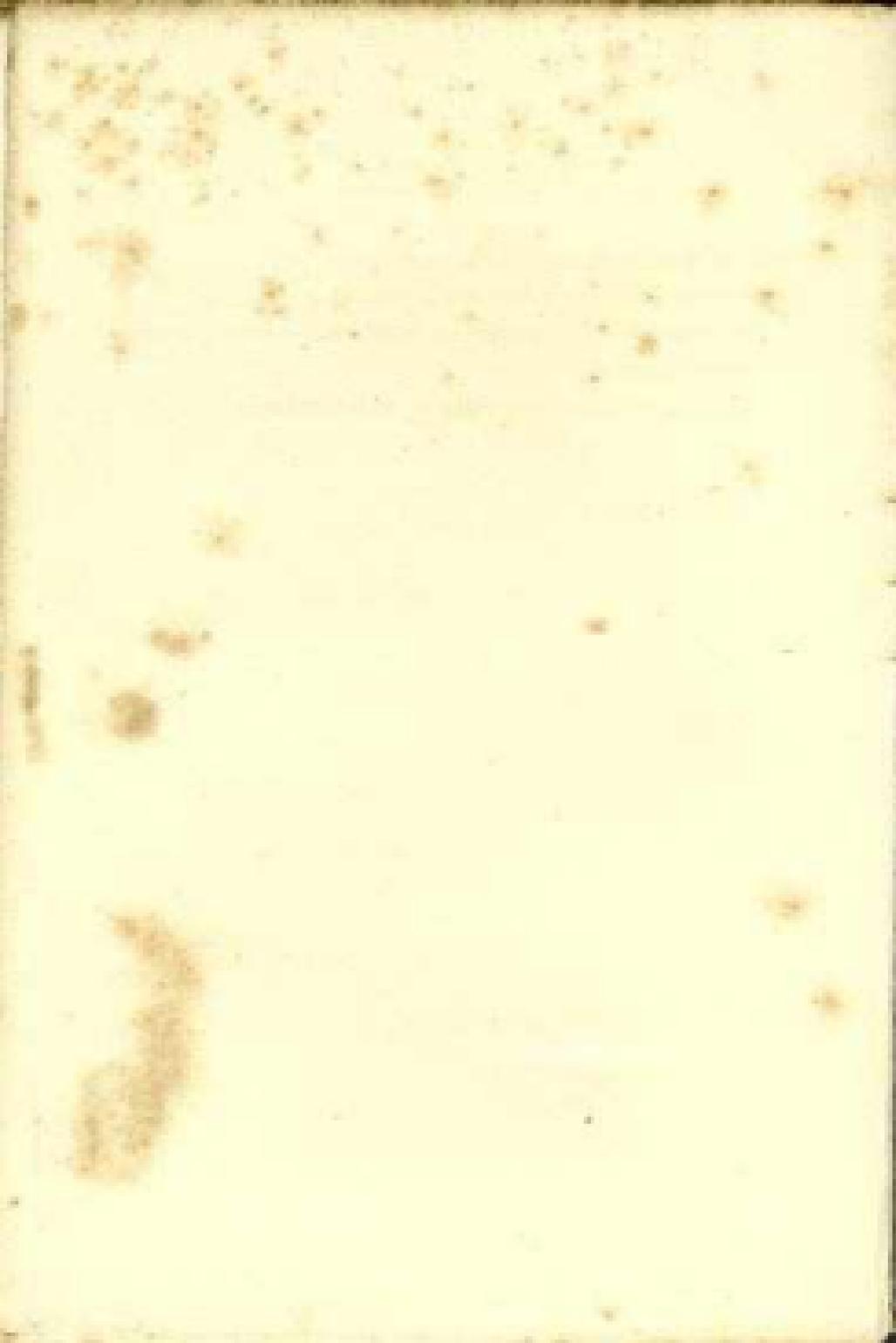
Por ventura eu sonho?!

Mas que suór o corpo me repassa!

Sinto-me livre!

Sob o ceu profundo
montei a tenda, arreio a tosca aljava.
Não tenho lei, sem lei percorro o mundo!
A propria liberdade em que me inundo
do meu capricho se confessa escrava!

E os ursos bailam arrastadamente.
Marcam bailando a bárbara toada
com que uma voz monótona, indolente,
languidamente
soluça nem eu sei que endeixa endorminhada!



A poesia das « *Folhinhas* »

Tesouro de saber, certeza em casa.
Quando é que chove, quando é lua-cheia?

Mestre Jerónimo Saragoçano,
sempre que a Deus apraza
e com profundo olhar nos astros leia,
diz o juízo ao Ano.

Ha fome? Ha peste? Ha guerra? Qual planeta
governa coisas, animaes, pessôas?

Doutor do grande óculo, responde:

— o que é que lá descobres?

Ha sêca? Vê se não descoroçôas
o lavrador que não tem mais aonde!

Ha frio, ha neve?

O que será dos pobres,
se de permeio a Sorte não se meta?!

Deus super omnia...

Só o ceu christão
possue poder que vença os maus destinos!

(A Criação
do Mundo foi em Março, á hora-sexta,
— ensina o repertorio!)

E os dons divinos
não deixarão perder tamanha obra
debaixo de influencia tão funesta.

Deus nos acuda
e ponha cobro a espíritos malinos!

Deus super omnia...

A quantos cae o Entrudo?
Nada de pesadelos, alma á solta.
Desanda a roda, vae-se logo tudo,
mas pode regressar com outra volta!

Nasci no mês das uvas...

Ó Setembro
matas açudes e que levas pontes!
É linda a minha sina! (Se me lembro!...)
Honrado e nobre,
hei-de viver em gloria largos anos.

A voz do Seguro, que morreu de velho :

Mancebo, não te gabes, nem afrontes,
o Azar!
Poupa-te a desenganos,
não pense a desventura em te provar!

Oh, as *Folhinhas!* Oh, o Calendario!
Falam do tempo e trazem, entrementes,
receitas p'ra as sezões, p'ra a dor de pedra...
Os homens de hoje em dia são descrentes.
No entanto, nada é vario!
Do figado á cabeça em nosso corpo,
fora da lei dos Astros, nada medra!

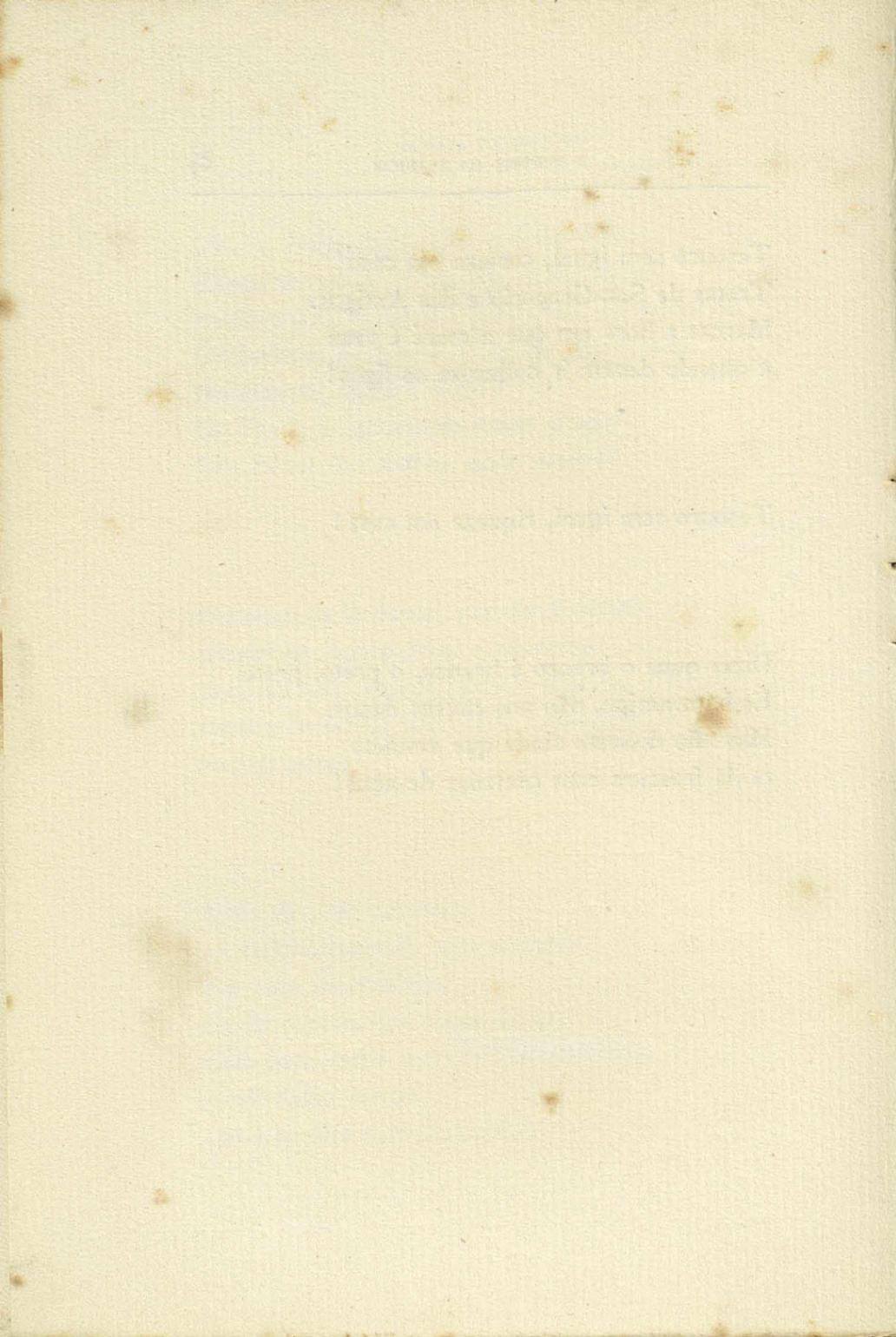
Doutrina de Avicena, mal de humores
símplices, indulgencias e sangrias,
práticas quaresmaes, hortejo e gado,
mestre Jerónimo prescreve e estampa
no seu tratado.

Anda de mão em mão,
na estima popular, com amizade.
Em caso de tumores,
ele de pronto dita o que farias.
Com justa fama corre a Christandade,
— de sabio campá,
como se fôra vivo Salomão!

Tesouro sem igual, certeza em casa!
Tratas de San-Gregorio e dos Antigos.
Marcas a hora em que a maré é vaza
e quando devem ir colher-se os figos!

Tesouro sem igual, riqueza em casa!

Dizes que o branco é branco, o preto, preto.
És bom amigo, não nos causas danos.
Mas não disseste ainda que amuleto
te dá frescura com centenas de anos!



Os Santos-Reis

A noite é fria. A lua é fria. A aragem corta.
Logo, Jesus, nasceste
na força, no rigor do caramelo!
Tão pequenino,
um frio arripiante como é este
põe-té roxinho, meu Menino belo!

A noite é fria. A lua é fria. A aragem corta.
Pobres de Christo, ao Deus-dará p'lo mundo,
que cruz a que sofreis!
A noite é fria. A lua é fria. A aragem corta.
Agora
devem já vir de marcha os Santos-Reis.

A noite é fria. A lua é fria. A aragem corta.
Gelam os poços...

P'lo silencio fundo
calaram-se os ganhões, de porta em porta,
cantando, ensamarrados, as Janeiras.

Os campos amortalham-se em geada.
— Não sei o que será das sementeiras
com essa peneirinha arrenegada!

Quem são os tres cavaleiros
que fazem sombra no mar?
Quem são, quem é que procuram,
de noite e dia, a trotar?

São os tres reis do Oriente,
juntaram-se em romaria.
Andam a ver do Menino,
filho da Virgem Maria.

E a noite é só...

Num ar de maravilha
o círculo da lua amaciou-se.
Entre os piornos a geadá brilha
com um fulgor mais doce.

E a Terra dorme...

Sob os ceus pasmados,
florescem descampados,
a aragem internece-a um bafo morno.
Um grande alvor dos longes se apodera.
Toda a paisagem de janeiro em torno
se alarga, se alumia, em primavera!

Por ásperos caminhos
já veem de longada os Santos-Reis.
Ó pobresinhos,
ora aí tendes, vem-se aproximando
quem pode ser-vos bom no que sofreis!

E a cavalgada avança noite fora.
Por onde quer que passa
abril renasce numa estranha aurora.

As seivas cantam, as nascentes cantam,
vestem-se os troncos nus.
Abala o inverno, ha azas doidejando
num festival de luz.

E os Santos-Reis avançam lentamente,
— avançam devagar p'la stepe baça.
Chovem mancheias de oiro
por onde quer que a cavalgada passa.

Ó minha Avó, nos contos que te ouvia
de torres encantadas, de princêsas,
ficava por metade a pedraria,
a tanto não subiam as riquezas!

E o oiro chove. E a cavalgada avança.
Aves de mil côres
adejam em redor dos Santos-Reis.
Fazem truões momices.

Bailadores,
ao som de finas arpas, numa dança,
marcam o chouto nobre dos corceis.

É longa e rumorosa a comitiva.

Mordomos carregados de ucharias
atiram-n'as p'ra a esquerda e p'ra a direita
como num batizado.

Gaspar consulta o astro que o cativa,
enquanto Baltasar, sorrindo, o espreita
e a Melchior o aponta confiado.

Ó Branca-Flor,
quando teu pae te deu em casamento,
não te levou com tanta pompa o teu senhor!



E o oiro chove...

Ó gente vagamunda,
sem agasalho, a pedinchar p'lo frio,
vinde, acudí! Olhae que o oiro abunda!
É apanha-lo agora ao desafio!

De entre as charnecas acorrei, maltezes!
Os tres Reis-Magos são compadres da Fortuna.
Se recebeis perdão, pedindo, as mais das vezes,
talvez que desta feita, sem pedir,
a sorte ao vosso alforje se reúna!

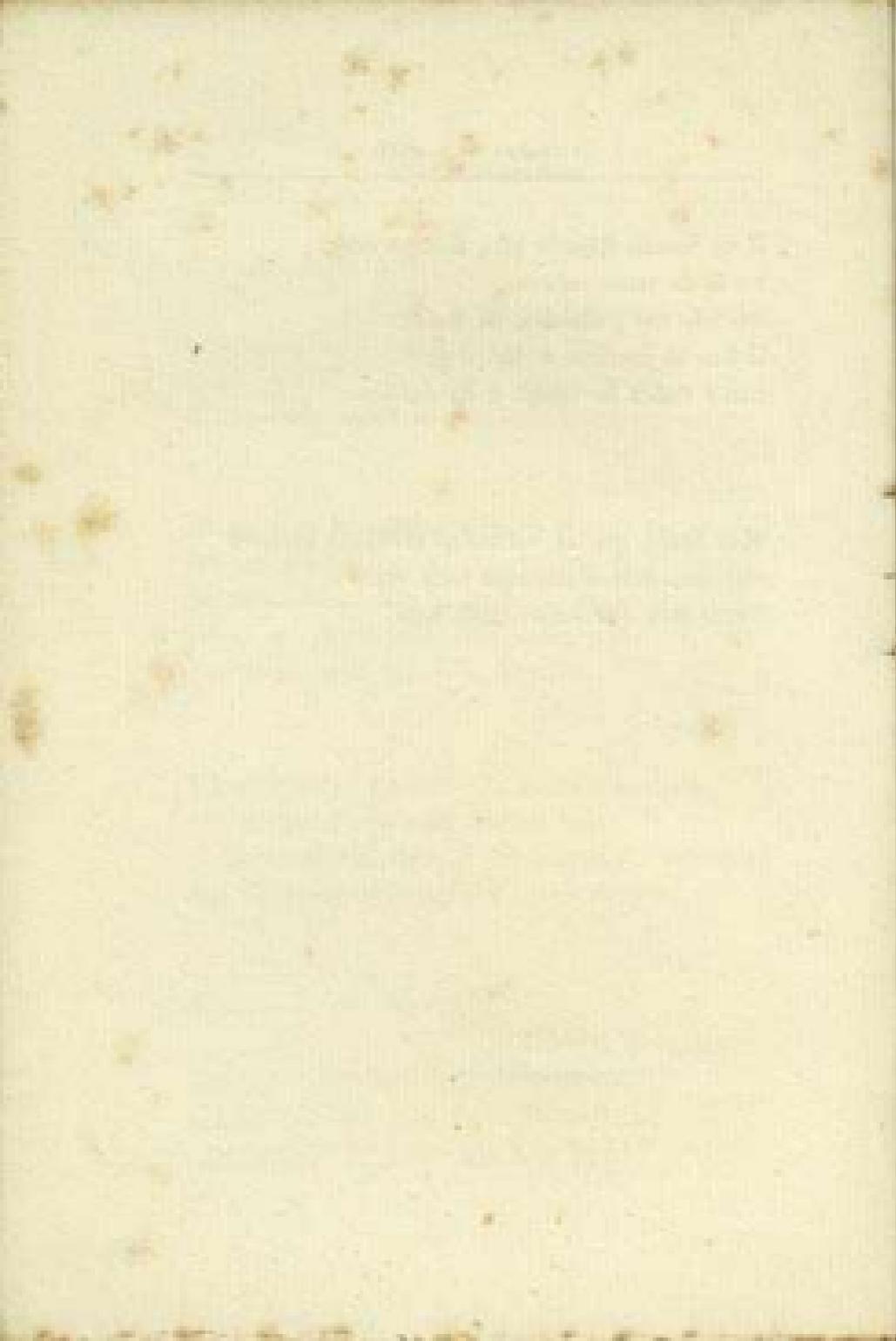
Vá de fartar, rapazes! Os bornaes abertos,
não tenham fundo nem medida hoje!
...Mas o silencio manda. Os longes são desertos.
E a chuva de oiro passa, a chuva de oiro foge!

A chuva de oiro foge...

Ó solidões do inverno,
enchei-vos dos fantasmas da desgraça!
Ha fome! Haja p'ra fome um oiro eterno!
Que seja eterno o oiro que hoje passa!

E os Santos-Reis lá vão, desaparecem
a ver do tenro infante,
nascido nas palhinhas de Belem.
E fica só janeiro, a dor, o gelo,
fica a rudez do tempo e da desdita.

Meu Deus, que ao menos as creanças sonhem
que lhes entrou em casa uma visita
como essa que Jesus agora tem!



Vila-Viçosa

Solar da Dinastia. Principescos,
surjem cortejos de opas roçagantes :
— Altezas-Sereníssimas, tudescos,
freires de Avis, reis-de-armas, passavantes.

Erram de noite, lívidos, dantescos,
no Paço do Reguengo os dois Amantes.
Pinta a Saudade a esmalte velhos frescos.
Quanto não diz esta palavra : — *Dantes!*

Festa da Padroeira em Sua Ordem.
E os bancos de pinchar e a serpe de oiro
pesam com pompa no brasão ducal.

Mas o Palacio é mudo, — não n'ó acordem.
Num sono que é sinal de mau agoiro
lá dentro está dormindo Portugal!

Para os cegos cantarem ao Povo

Anda a raposa na vinha,
comeu-lhe mais de ametade.
Vê-se que é obra daninha
o mal que entrou na herdade!

Meteu-se o bicho na horta,
o cão finou-se de pena.
Ninguém conosco se importa,
fazem a vista pequena.

Se a tempo não amparamos
o patrimonio em destroço,
fica o arvoredos sem ramos,
some-se a agua no poço.

Fôram p'ra a mão dos ciganos
as nossas eguas e potros.
Bem mal nos correm os anos,
— somos o riso dos outros!

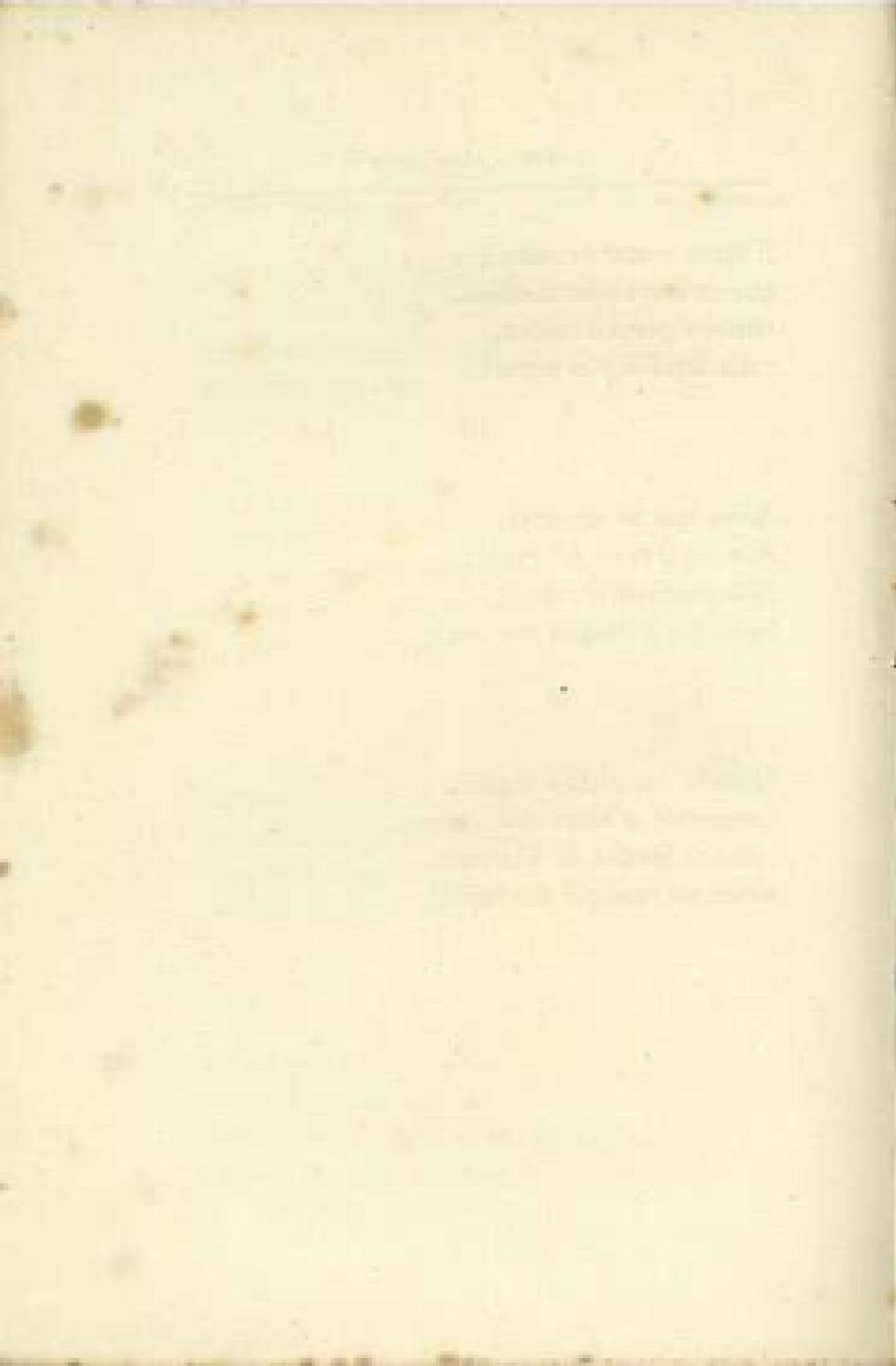
Chegou a um ponto a desgraça
que até os proprios vizinhos
veem roubar-nos a caça
que nós matámos sosinhos!

A casa, posta a tormento,
já nem a mesma parece:
— levou-lhe as telhas o vento,
a madre á chuva apodrece.

E tanto o azar se incarnaça
que se isto assim continúa,
temos á porta a justiça,
vai a familia p'ra a rua!

Antes que tal aconteça,
salve-se o resto á fortuna!
Não precisamos cabeça,
basta que o sangue nos una!

Quando a aliança é segura,
vencem-se as forças mais raras,
como os irmãos da Escritura
viram no exemplo das varas!



A Elvas, chave do Reyno

Oiçamos o louvor do sangue antigo!
Vai entoa-lo uma colina santa
onde repousa tanta vida, tanta,
que a tornam toda ela num jazigo!

Vibra um combate em cada grão de trigo,
um coração de heroi em cada planta.
Altar da Raça, a Raça se alevanta
daquele chão pisado p'lo inimigo!

Elvas, ó Elvas, Badajoz á vista,
— Deus dos Exércitos, Senhor, valei-nos! —
és uma ruga nobre na fronteira!

Mas no terreno rubro da conquista,
ó chave truculenta destes Reynos,
cresce em sinal de pazes a oliveira!

As vilas moribundas

À MEMORIA DE OUGUELA,
MONSARAZ e JERUMENHA.

Ó cidadelas hirtas da fronteira,
ó vilas sôbre a raia,
desse arreganho a prega derradeira
não tarda que se esvaia!

Não tarda que se esvaia a gasconhada
que a custo nos sustenta,
numa ridícula atitude irada,
o aprumo da carcassa bolorenta!

Vós em assomos engulís o mundo,
tendes ainda uns modos insolentes!
Sois como um cão de guarda moribundo
a quem restasse ainda
o habito velho de amostrar os dentes!

Ninguém repara em tal...

Desertas, êrmas,
convosco entrou a decadencia, o fim!
Fôra melhor, misérrimas enfermas,
tombar de vez do que ir morrendo assim!

A chuva, o sol, os anos, a neblina,
puzeram-vos a claro a ossatura.
É bem verdade o que o ditado ensina:
— rende-se á agua mole a rocha dura!

Quem resistiu a mais de cem batalhas
a lepra o vai roendo a lentos sorvos.
Fiquem p'ra estrume as suas carnes falhas,
deite-se D. Quichote em bodo aos corvos!

Abatem as muralhas pedra a pedra,
ruem a pouco os bastiões robustos.
Nas brechas a figueira brava medra,
de envolta com maléficos arbustos.

Secaram as cisternas. Os lagartos
passeiam-se p'la alcaçova em destroço.
Pendem das barbacãs meimendros fartos,
o entulho quasi que entaipou o fosso.

E enquanto agonisaes, ó cidadelas,
nos cómoros a pique,
nascem em baixo as povoações singelas,
sem pesadelo algum que as mortifique.

Em baixo, na planicie, o povo lavra,
— o povo lavra, simples e entretido.
Vós sois p'ra a alma dele uma palavra
vazia de sentido!

E porque nada lá p'ra si presume,
mais duma campã rústica de heroi
lhe serve em casa de soleira ao lume,
na azenha humilde o loiro grão lhe moe.

Deixou perder o gesto aventureiro
que altos castelos pôde alevantar.
Mas a abundancia ocupa-lhe o celeiro,
nunca lhe falta que comer no lar!

A bõa espada antiga fez-se arado,
lutou p'la terra o aço que hoje a corta.
Se dava a morte o gume incarniçado,
a relha acorda muita vida morta!

Charrua tosca, o braço que a encaminha.
com ela arranca da charneca escura
a alma sempre branca da farinha,
o riso sempre moço da fartura!

E o sangue que os Avós p'la herdade opressa
andaram derramando em mãos alheias,
passados tantos séculos, regressa,
no trigo que se colhe, as nossas veias.

Como um sinal de paz, encostas fora
rompe a oliveira em densa ramaria.
— Quanto ascendente não nos fita agora
no azeite que ao serão nos alumia?!

Os mortos, abraçados ás raizes,
soluçam quando chega a primavera.
Não sei, abril, que coisas tu lhes dizes,
p'ra a imensa dor que deles se apodera?!

Chagas em beijo, olhar envidraçado,
caíram defendendo o palmo e meio
onde levavam a existencia os seus.
De pé, ao lado,
finaram-se a lambê-los com anseio,
num grupo trágico, os fieis lebreus.

E a angustia inexprimível, infinita,
dos que recordam com saudade a luz
em cada gomo adolescente grita,
grita através dos velhos troncos nus.

Ó homem de Antre Tejo-e-Guadiana,
se tens ainda um lar p'ra te abrigares
— se o ninho dum açôr t'ó não profana,
deve-lo a esses genios tutelares!

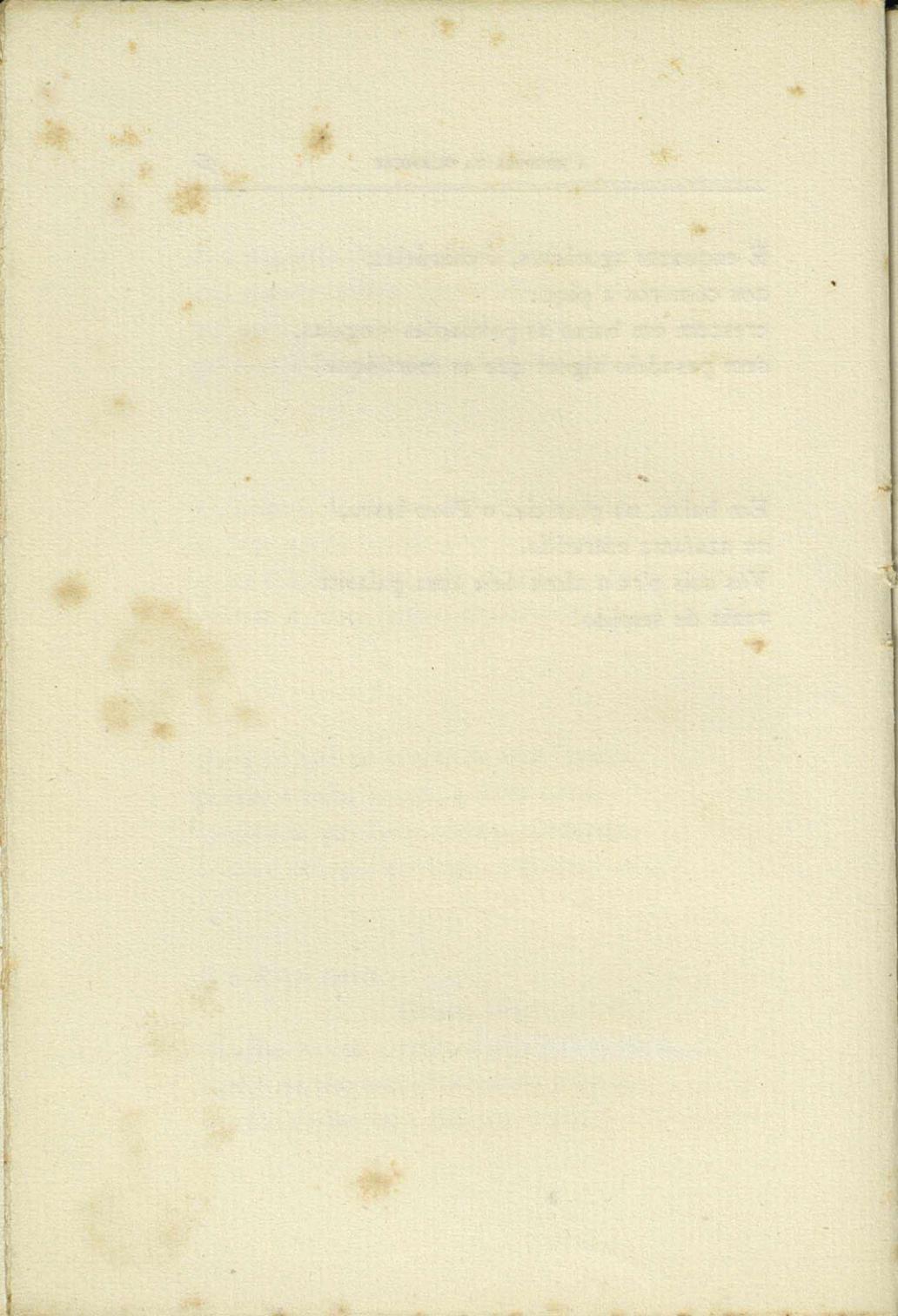
Sempre que no correr da vida mansa
proves o leite, o mel, a fruta nova,
lembra-te que lhes debes a abastança,
o catre em que nasceste, a propria cova!

E a Raça canta.

Canta, alegre e forte,
não lhe recusa a terra o pão p'ra a boca.
Lança as sementes invocando a sorte,
a sorte dá-lhe uma colheita louca.

E enquanto agonisaes, ó cidadelas,
nos cómoros a pique
crescem em baixo as povoações singelas,
sem pesadelo algum que as mortifique!

Em baixo, na planicie, o Povo lavra,
na azáfama entretido.
Vós sois p'ra a alma dele uma palavra
vazia de sentido!



A Olivença, a perdida

Fiel ao sangue, nossa irmã germana,
chora Olivença as suas horas más
junto do rio que tornou atrás,
quando soou a trompa castelhana.

Ó Casa de Antre Tejo-e-Guadiana,
lembra-te dela que entre ferros jaz!
Não a dobrou a guerra nem a paz,
— fiel ao sangue, o sangue a ti a irmana!

E todo aquele em quem ainda viva
o ardor da Raça e a voz que nele anseia,
se fôr p'ra além da raia alguma vez,

é Olivença, nossa irmã cativa
lá onde com surpresa a gente alheia
oiça dizer adeus em português!

O motivo da Planície

Morte da Luz. Na forja do Poente
um lume em agonia ainda arde.
Entra a subir da Terra abertamente
a grande pastoral do fim da tarde.

E sobe, e alastra-se. Ao luar clemente,
as rãs e os sapos gemem com alarde.
Morreu a Luz. Na forja do Poente
o lume agonisante já não arde.

Desfaz-se a lua em aspersões de graça.
E em notas sempre as mesmas, sempre irmãs,
passa a Planície, interpretando a Vida.

Passa o motivo da Planície, passa...
Passa na voz dos sapos e das rãs
o tema da Planície indefinida.

Ladainha á agua nos cântaros

AO LUÍS CABRAL DE MONCADA

Louvada seja a agua prisioneira
das bilhas postas em linha,
numa cerrada fileira,
sôbre os poiaes da cozinha!

Louvada seja a agua encarcerada
nos cântaros sonolentos,
onde, sujeita, — coitada! —,
padece longos tormentos!

Louvada seja a agua amolecida
por cativoiro tão duro,
quasi que expulsa da vida,
sempre metida no escuro !

Seja louvada a agua que consente
nessa prisão-celular
só por ser bôa p'ra a gente,
só por se sacrificar !

Louvada seja, porque livre que era
tornou-se escrava p'ra morar conosco !
Como é que pode, alma irrequieta e fera,
cabrer num cântaro acanhado e tosco ?

Como é que pôde quem girava errante
por altas lombas, por gargantas fora,
e apenas tinha a imensidão por diante,
sofrer o pântano em que dorme agora ?!

Peior que um charco, bem peior ainda,
nunca d'ali a luz do sol a arranca !
Não a aproveita a madrugada linda
p'ra veu discreto, p'ra mantilha branca !

E a agua sonha... A emparedada pensa
nas amplas quedas, ao luar, p'la serra...
Deixou-as, mas conserva-as na presença.
Cheinha de saudades se desterra !

Nascentes, fontes, pégos, — tudo passa
na evocação da triste.
Lembra-me um passarinho na gaiola,
carpindo-se, esvoaça-que-esvoaça,
que no verdor das arvores que aviste
das grades que o atormentam se consola.

Não teem conto as muitas agonias
que a agua sofre por amor de nós.
De lh'as ouvir, ó alma, chorarias,
se acaso lhe entendessemos a voz !

Louvada seja ela, — a amiga eterna,
a companheira doce!
Agita-se a roldana na cisterna,
do fundo o balde agua fresquinha trouxe.

Agua fresquinha p'ra regar as flores,
agua fresquinha p'ra espantar o verão.
Acende vivos soes nos regadores,
quando em poeira de oiro cae no chão.

Eis porque os mangericos
nos alegrêtes como um brinco estão.
Beija-os a agua em musicaes salpicos,
faz-lhes festinhas-gatas, — ora não!

P'la agua espera a farinha
ja no alguidar peneirada.
A mó que o trigo espesinha,
sem agua não era nada!

E a amassadura funde. Ha pão em rasa,
— pão p'ra a familia toda, pão p'ra os pobres.
Por muito que se tenda em cada casa,
não me parece, pão, que ainda sobres!

Agua bendita!

Nas mãos maternas o menino grita,
doentinho, fazem-lhe o sinal da cruz.
E, ó agua, que redimes o moirinho,
tambem aceias, carinhosa, o linho
com que se enfaxam os bambinos nus!

Louvada, seja louvada
a agua em casa guardada!

Quando nascemos, agua, tu depuras
o ensangentado corpo da creança.
A alma, ao desprender-se p'ra as alturas,
ensina o povo que ela não descança
se em ti, ó agua, não lavar primeiro
tantas ações impuras!

Logo depois do instante derradeiro
em casa toda a agua se despeja
p'ra que se esvaia a mancha do pecado
no curso da enxurrada benfazeja.

Por isso, ó agua, louvado
seja o teu nome sagrado,
louvado, louvado seja!

Redondilhas da roupa lavada

Ó Padre-Nosso bendito,
que pobres os pobres são!
Nem só o pão nos faz falta,
tambem faz falta o sabão!

Quem arrecada é quem acha,
ele ha farelo e farinha.
Não presta a cinza p'ra nada,
mas pranta a roupa clarinha!

Só tenho duas camisas,
a mais não posso chegar.
Sempre que visto uma delas,
a outra vai a lavar.

Pobres os filhos dos pobres,
mas pobres sem desmazelo.
Vão a lavar os farrapos,
ficam nusinhos em pelo.

Honra-se a casa na roupa,
lá foi um saco bem cheio.
Nem p'ra sabão já se ganha,
— oh, quanto custas, aceio!

Ficou no rol apontada
toda essa trouxa de roupa.
Não pode nunca ser rico
quem no que é pouco não poupa!

Bates a roupa com força,
bates de mais, lavadeira!
Se tu lavasses a língua,
sujavas toda a ribeira!

Ó agua, marcham contigo
as nodoas, uma por uma!
Assim levasses as penas,
como tuavas a espuma!

Que branca a roupa estendida!
Ó sol de Deus, enxugai-a!
E' de paninho barato,
mas mete inveja á cambraia!

Saiu a andaina da arca,
vai-se a ver *delas*, bem posto...
— Domingo, — dia de roupa,
não tem o pobre outro gosto!

Oh, as camisas de fama,
com entremeio e fitilhos,
são uma herança sagrada,
dos paes se guardam p'ra os filhos!

Camisa do casamento,
guardada numa toalha,
eu fui contigo á igreja,
— serás a minha mortalha!

Oh, a roupinha lavada,
como ela é bôa p'ra a gente!
Vale bem mais que a botica
p'ra quem se encontra doente.

Cântico do Sangue

AOS QUE DEPOIS DE MIM VIÉREM.

Floriu a Árvore!

Louvado seja
o Senhor Deus na Sua Imensidade!
Mais vil que o pó do chão, oh, quem não ha-de
louvar a Mão suprema e benfazeja,
da Qual é filha a propria Eternidade!

Floriu a Árvore!

Louvado seja
o Senhor Deus na Sua Imensidade!

Seja louvado
na cítara, no orgão, no ascior,
na tuba e no salterio!
Ó Criador da vida, ó Incriado,
melhor que a minha boca, bem melhor,
Te louva agora e sempre a boca do Misterio!

Louve-Te, agradecida, a voz do Mundo,
— o coração da turba, os Elementos,
o curso das Marés!
Cem anos o que são p'ra o Teu poder profundo?
Não passam de momentos,
— desde o Princípio ao Fim, só Tu no Tempo és!

Louvem-Te em cântico viril e rude
o címbalo e o atambor,
que eu clamarei, enquanto o ser me ajude:
— Louvado sejas Tu, meu Deus e meu Senhor!

Louvado sejas Tu na Terra e nas Alturas,
que á minha Árvore quizeste bem!
Autor das Criaturas,
sôbre este sangue a Tua benção veio.
E neste sangue, abrindo em primavera,
ergue-se um hino cheio
de íntimo ardor, de exaltação sincera.
Louvado sejas Tu na Terra e nas Alturas,
— louvado sejas Tu, agora e sempre, amen!

Louvado sejas Tu que déste á minha Raça
com mil promessas um rebento forte,
que me tocaste com o teu sinal!
Por Ti, Senhor, eu triunfei da morte,
não se extinguiu em mim o espírito ancestral!

Defuntos que jazeis em cinza e nada,
avós desfeitos em poeira fria,
vinde, acordai na cova
dentre essa sonolencia enregelada!
Deus concedeu-vos um terceiro dia,
que a Árvore floriu, — louvado seja Deus! —,
e em dons de maravilha se renova
p'ra duração dos Meus!

Em dons de maravilha,
vai plena a Casa num milagre estranho,
numa aleluia imensa.
Minh'alma em sua pequenez se humilha.
E á face do Senhor Omnipotente,
já imolou um anho,
comervas aromáticas O incensa.

Sou Rei e Sacerdote. Adentro desta barca
só eu respondo p'los destinos dela.
Deus que me ungiu Pontifice e Monarca
me chamará a contas no final,
pois lá de cima vela
e sabe se a conduzou em direitura
ou se a governo mal!

Sou Sacerdote e Rei! Ó homem, não profanes
com actos de impureza o altar dos Manes,
— pensa em viver á lei do sangue antigo!
Honra os Avós, mantem o Fogo esperto,
não vá ficar p'ra sempre o lar deserto
e o tronco secular morrer contigo!

E eu ofício erguendo o coração ao Alto.
Foi Deus servido ouvir-me compassivo,
— meu nome não será um nome passageiro.
À face do Senhor em oração me exalto
e sinto que a mim mesmo sobrevivo,
olhando o meu herdeiro.

Padre dum grande rito, eu rezo e tremo,
roçado p'lo pavor divinatório,
que me enfurece as veias.
Ó Sombras da Família, ó genios tutelares,
tomai em ofertorio
o pequenino ser, por cuja sorte anseias
tu, virgem antes e depois do parto,
que estás desvanecida em n'ó criares!

E a procissão dos Manes, vinda de Alem-Campa,
surje a reconhecer-se no Menino.
Oh, a assembléa muda que se estampa
em fundos côr de vago,
é ela a portadora do Destino!

Resurreição da Carne...

Agora em torno
do místico presepio o que palpita!
Sobem descantes rústicos da rua.
Os animais heráldicos da Estirpe,
com o bafejo morno,
aquecem o Menino. E intérrmina, infinita,
a procissão dos Manes continua.

De mãos impostas, propícia os Fados,
fitando o tenro infante
que, nos cueiros muito aconchegado,
é todo um mundo que se tem diante.

Visitação da Raça.

E num cortejo lento, lento, passa,
se tu, visão humana, não me iludes,
o desfilar brumoso da Ascendencia.
Figuras graves, graves atitudes,
deslizam com cadencia.

Deslizam, magestosas. Rompe á frente
o lavrador anónimo que outr'ora
nos deu um teto e nos ganhou raiz.
Seguem-n'ó nobremente,
de toga ou de espadim, p'los tempos fora
esses que a minha Árvore bendiz.

Resurreição da Carne. Agora ao Alto,
meu coração ascende, alegre e cheio
dum íntimo louvor.
Em toda a minha pequenez me exalto,
que sobre o Lar em festa a benção veiu
de Aquele que é meu Deus e meu Senhor!

Louvido seja porque deu á raça
com mil promessas um rebento forte,
— que quiz tocar-me com o Seu sinal!
Por Ti, Senhor, eu triunfei da Morte,
não se extinguiu em mim o espírito ancestral!

Que enquanto o Mundo fôr chamado Mundo,
não tenha nunca fim a minha gente!
Que ela proclame o Teu poder profundo
interminavelmente!

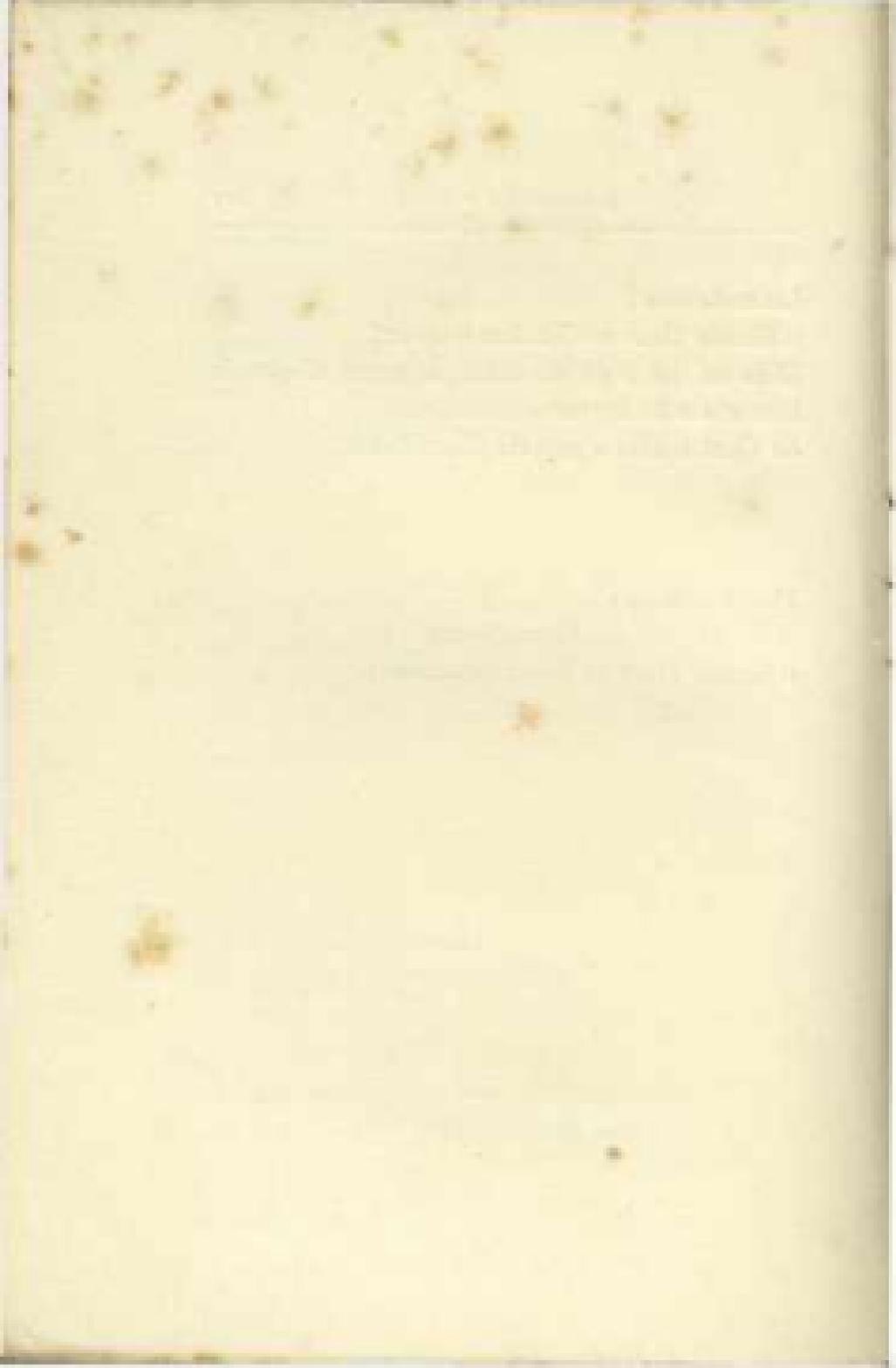
Louvado sejas Tu na Terra e nas Alturas,
que a minha Árvore estimaste bem.
— Autor das Criaturas,
louvado sejas Tu, agora e sempre, amen!

Que seja Deus louvado
na cítara, no órgão, no ascior,
na tuba e no salterio!
Ó Criador da Vida, ó Incriado,
melhor que a minha boca, bem melhor,
Te louva a boca ardente do Misterio!

Louvado seja
o Senhor Deus na Sua Imensidade!
Mais vil que o pó do chão, oh, quem não ha-de
louvar a mão suprema e benfazeja,
da Qual é filha a propria Eternidade!

Floriu a Árvore!

Louvado seja
o Senhor Deus na Sua Imensidade!



Variações da Saudade

Sobre velhos motivos

I

Ausencia é mãe da Saudade,
ninguem as vê separadas.
São duas bocas á mesa,
tornam-se muito pesadas.

II

« *Pepita, leva este ramo...* »
— E a Morte a ambos levou.
Veiu a distancia, a velhice,
— só a Saudade ficou.

III

Saudades de Anto, escrevendo,
fundas saudades de tudo.
Cantam na boca dum cego,
choram nos olhos dum mudo!

IV

Meu corpo de oiro, morri-me.
Morri-me, — christeleison!
É a Saudade, Violante,
« *gran coyta do corazon* ».

V

Saudade, pão de sustento,
meu vinho de consagrar,
ai, Deus, i u é, Saudade,
sem ti não posso passar!

VI

Onde é que iria a Velida
lavar a branca roupinha?
Foi a Saudade com ela,
não anda nunca sosinha.

VII

Ay, madre Santa Maria,
ay, verde pino com flor!
O meu amigo que é dele?
Sem ele moiro de amor!

VIII

Saudades vivas da Terra,
— vivas saudades do Mar...
Oh, o desejo impossível
de se partir e ficar!

IX

Joana patos guardava,
— menina e moça perdida.
Amor que mata de pena,
mas a Saudade dá vida!

X

No figueiral figueiredo
seis ninas eu encontrara.
Por causa duma saudade
fiquei sem olhos na cara!

XI

Sereias, Nau Catrineta,
Sete-Partidas do Mundo...
— Quem é que mede a Saudade,
se é como um poço sem fundo?!

XII

Que olhos os teus, ó Saudade,
— p'ra além da vida tu vês!
« Até que o mundo se acabe! »
— diz a Saudade a Inês.

VIII

Prestes Joham da abalada,
— quantas saudades lá vão!
Tenho-te longe da vista,
mas perto do coração!

XIV

Porque é que os olhos se alargam,
assim sequinhos, sem choro?
Saudades de outras saudades,
que eu mouro porque não mouro!

XV

Não vás, ó aguia, tão alta,
teus vôs tentam os meus!
Saudades, — sei lá! —, de nada,
— talvez saudades de Deus!

XVI

*« A vida acaba na morte,
não pode a alma morrer! »*
Oh, a saudade sem nome
de ser a gente e não ser!

XVII

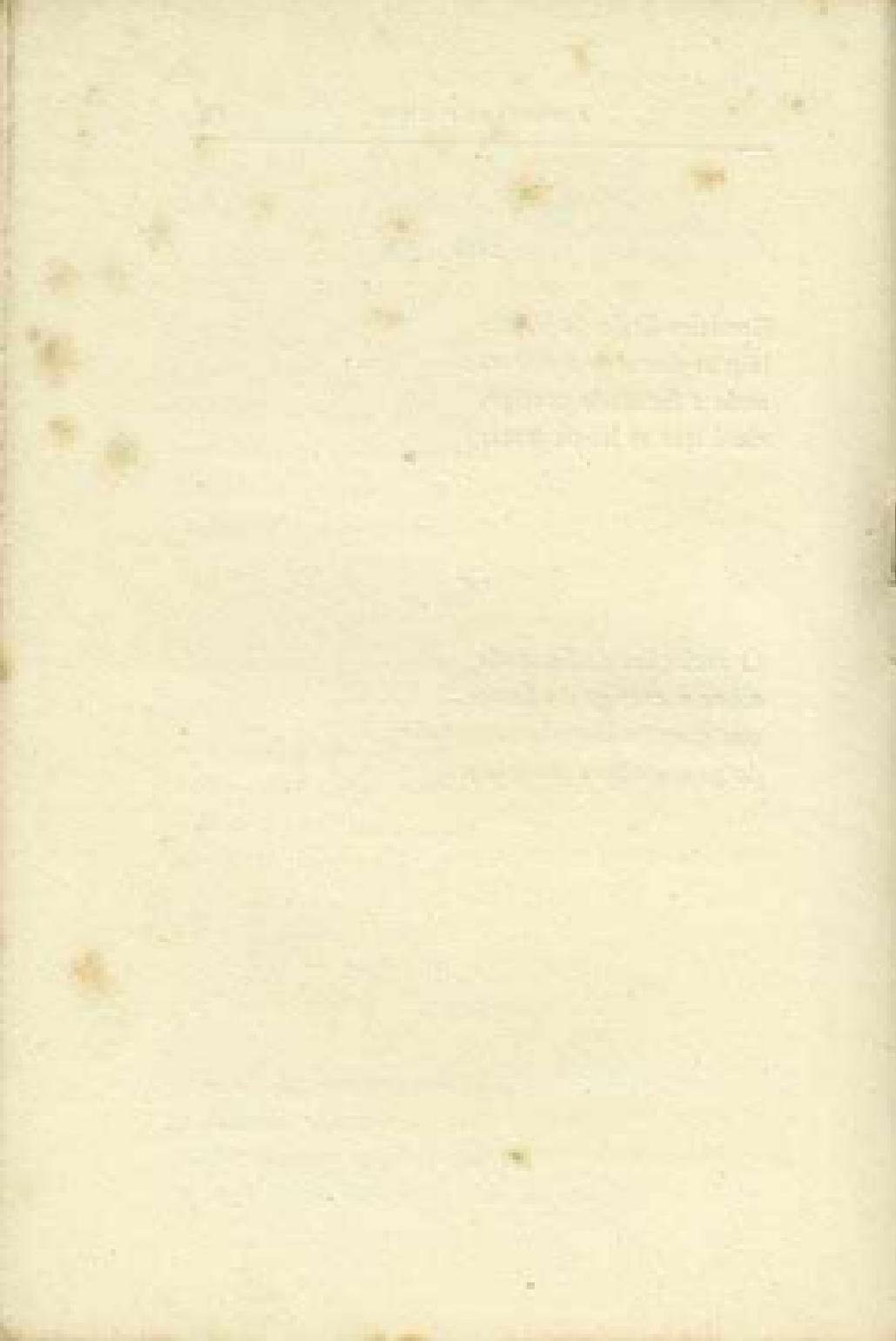
*« Soidades, muitas soidades,
a quem se alembre de mim,
que as minhas só p'ra contigo
á vista é que hão-de ter fim. »*

XVIII

Bandeira linda da Patria
lá p'lo desterro a sofrer,
anda a Saudade contigo,
ela é que te ha-de trazer!

XIV

Ó variações de Saudade
sobre a cantiga do Longe,
sois como a historia encantada
do passarinho e do monje!



Soneto da Visitação

Vinde, adorai!

Criados e parentes,
tenho o presepio em nossa casa armado!
Vinde adorar o meu Menino amado,
honra-lo com carinhos, com presentes!

Muito quentinho, nas roupinhas quentes,
o infante dorme, dorme aconchegado.
É lindo, pois não é? o meu morgado?
Que tu, Senhor, em graça m'o aviventes!

E de joelhos, com um ar de boda,
adora e pasma-se a assistencia toda,
como diante dum festivo altar.

« Que perfeição! Que enlevo de criança! »
— E pedem num louvor que não descansa
que Deus nos dê saúde p'ra o criar!

Parentas velhas

Parentas velhas! Portugal antigo!
Ó primas dalgum dia, quem não ha-de
trazer-vos na lembrança, bem consigo,
se sois a propria boca da Saudade?!

Chamavamos-lhe tias com respeito,
— levavam anos a subir a escada.
Oh, primas velhas, mas que imenso geito
p'ra encher as horas sem se fazer nada!

Senhoras que assinavam *Dom* ainda,
vivendo de pensões officiaes,
— e a gente ouvia a historia nunca finda
dos feitos e campanhas de seus pais.

Parentas velhas a pagar visitas,
— e na salinha, muito bem sentados,
eram palavras ditas e reeditas,
tinhamos sempre os sete-conversados.

Entravam com vestidos de outra era.
E sem abandonarem a sombrinha,
numa attitude ríspida, severa,
apenas o Passado as entretinha.

Mexiam a cabeça gravemente,
nos olhos rebrilhavam as lunetas.
E todas elas, — não se esquece a gente! —,
usavam romeirinha e luvas pretas.

Ás vezes desfiavam as linhagens.

« *Primos em quarto grau por varonia...* »

Oh, o pavor aos roubos e ás viagens!

São outras já as primas de hoje em dia!

Mesuras, cerimoniais, grandes termos,
sabiam-nos as primas a preceito.

A vida dalgum dia, sem a vermos,
a gente a via nelas, com efeito!

No fundo da provincia, que ar distinto
falar-se nos parentes de Lisboa!

E ainda agora os meus orgulhos sinto
por ter costela em muita casa bôa!

E vinham cartas.

« *Nós á data desta
cá vamos indo, seja Deus louvado!* »

E então as condecinhas, — uma festa! —,
cheias de *bolo-podre* e *bom-bocado*?!

As primas velhas, — chora a guloseira! —,
as artes que aprenderam no convento!
— E havia casos duma tia freira,
com precauções por causa do relento!

« *Nossos Avós...* », — e davam-nos conselhos.
Se era ao serão, chegavam-se p'ra o lume.
Por via das dôrsinhas nos joelhos,
seguiam-se os lamentos do costume.

« *Que tempos! Onde irá parar o mundo?
Ó Deus do Ceu, valei-nos por Quem sois!* »
E acrescentavam com um ai profundo:
— « *E se não pagam a pensão depois?!* »

Parentas velhas, vendo o *Panorama*,
com o *crochet* poisado sôbre a mesa,
ler os jornaes p'ra elas era um drama,
— que exclamações de horror e de surpresa!

O primas dalgum dia, de alto porte,
empapeladas como num museu,
ninguem vos soube lastimar na morte,
mas com saudade sei lembrar-vos eu!

Received of the Treasurer of the State of New York
the sum of \$1000.00 for the year 1871

Witness my hand and seal of office this 1st day of January 1871

John T. Hoffman
Treasurer of the State of New York

Received of the Treasurer of the State of New York
the sum of \$1000.00 for the year 1871

A benção

« *Deus te abençõe, — que Deus te faça um santo!* »
— meu Pai dizia. Assim eu digo após.
« *Deus te abençõe!* » A Deus as mãos levanto.
Foi Deus servido ouvir a minha voz!

« *Deus te abençõe, — que Deus te faça um santo!* »
— E o espirito sereno dos Avós,
oh, gesto em cruz, em ti venero e canto,
descendo tutelar por sôbre nós!

Filho que eu sou, p'la vez primeira agora
eu vou soltar a invocação de pai,
como chegou a mim p'los tempos fora.

« *Deus te abençõe...* » — Senhor Omnipotente,
que o voto que de mim agora sai
não tenha nunca fim na minha gente!

Salmo da luz acêsa

Ela é pequena,
mas enche toda a casa em redondeza.
Ora adivinhem lá que coisa é ela?
Não pode ser senão a luz acêsa!

Oh, luz acêsa, alumando os vivos,
a ti somente é que o pavôr tem medo!
Mas que ditoso quem te apaga tarde,
— como é feliz quem te acender bem cedo!

Tu és a companhia sempre certa.
Se faltas, é que falta o pão contigo.
Quando a miseria aperta,
a casa á noite lembra-me um jazigo.

Não é do pão que o homem vive apenas,
vive tambem de luz.

Ó Padre-nosso, com o pão de cada dia,
dai-nos a luz de cada noite,

— amen, Jesus!

Ó luz acêsa, erguida na lareira,
ó luz acêsa, erguida nos altares,
ó luz que velas uma noite inteira,
louvada sejas tu por nos guardares!

Ó luz ardendo p'la noitada enorme,
ó luz que acêsa estás,
olhas p'la casa quando a casa dorme,
afastas os ladrões e as coisas-más!

Lampada acêsa, alumando a gente,
com ela a gente os Mortos alumia.
Arde direita em nossa mão tremente,
ó vela da agonia!

Senhora das Candeias,
toma este cirio, aceita a minha luz!
Ó alma presa que na chama anseias,
anseia e sobe em honra de Jesus!

A luz acêsa!

Como nos conforta
um lar iluminado com fartura!
É bom sinal p'ra quem nos passa á porta,
não se arreceia tanto a noite escura!

Amo-te, ó luz acesa.

E no entretanto
quero-te mal, — um mal que não descrevo!
P'ra o meu Filhinho, extático de espanto,
no mundo és tu o seu maior enlevo.

Roubas-me o coração do pequenino,
não te perdôa um coração de pai!
(Mas que alto genio ás vezes descortino
no olhar que da criança p'ra ti vai!)

Ó luz ardendo á minha cabeceira,
lembra-me sempre a imagem de Outra Luz!
Possas eu ganha-La á hora derradeira
por graça de Jesus!

Ó luz que do silencio me acompanhas
neste suicidio lento de criar,
não te pagava obrigações tamanhas,
se eu não tivesse voz p'ra te louvar!

A matança do porco

*« Tout le monde regarde ce que
je regarde; mais personne ne voit
ce que je voit ».*

LAMENNAIS.

Vai uma festa em casa, — um alarido!
Trocam-se brados, ha rumor de louça.
E entre o cruzar dos pratos e das ordens,
surprende-se um fulgor desconhecido
no olhar da gente moça.

Vai uma festa em casa . . .

E a faca desce,
— desce direita ao coração do porco.
Ouvem-se roncoss surdos. E o animal,
de súbito atingido, cai de borco,
já sufocado p'lo estertor final.

Vai uma festa em casa. E agora a chama
doira de gloria o corpo do imolado.
Matou-se o porco. É bem singelo o drama,
mas como o ser nos freme alvoraçado!

Dentro de nós acorda um velho instinto,
fome de presa nova, antigos restos
de mal dormida gula.
Matou-se o bácoro. E ao redor eu sinto
nas falas, nas pupilas e nos gestos
a sanha de morder que em minhas veias pula!

Matou-se o porco. Oh, que apetite bruto
nos faz mostrar os dentes com prazer!
Que bôa a carne fresca! Se me escuto,
eu julgo que estarei p'ra enlouquecer!

Cresce de mim, — do imenso mar profundo,
em cujo seio enterro as ancestraes raizes,
não sei que cavalgada do Outro-Mundo,
vinda não sei de aonde,
que ao perguntar-te, ó alma, o que me dizes,
não é a tua voz que me responde!

Não é a tua voz que a mim me entrega
a chave do misterio em que estremeço.
E eu vou perdido na vertigem cega,
— se eu desvario, se eu me não conheço!

Da noite das Origens sobe em cõro
um vento de massacre.
Tem a palavra o sangue imorredouro,
— que solte o estro rubro como o lacre!

E tolda em beberagem que amarfanha,
ergueu-me nas arterias um tropel.
O' bárbara rajada, arremetida estranha,
que força de loucura é essa que te impele?

É de hoje, é de ontem. Enche a Eternidade.
Arranca o seu arranco do Infinito.
Tal é o som de guerra que me invade
num clamoroso grito.

É febre. É desvario. Exulta a casa
com a balburdia da matança.

Em torno
as faces são em braza,
respira-se com gozo um bafo morno.

Cheira a chacina. Na lareira canta
um grande fogo, — um fogo tutelar.
No entanto, nada me perturba e espanta,
como o afiar das facas no alguidar.

Mostram-se os dentes, batem uns nos outros.
Não cuidem que é apenas a fartura!
Bravios como potros,
a pobre boca já os não segura.

Assada ou crua, querem uma presa,
— querem rasgar, morder raivosamente!
E a barafunda continúa acesa,
não ha poder que tenha mão na gente!

Odor de mortandade! E um eco de hecatombe
avança devagar por nós acima.
Engrossa, engrossa, lentamente, aos poucos.
Antes que sôbre nós desabe e tombe,
no ardor que nos excede e nos anima
tombamos nós num frenesim de loucos!

Somos irmãos dos bailarins da lenda.
Matou-se o porco. E na folia douda
não pôde haver cansaço que nos renda!
Anda conosco tudo, tudo, á roda!

Matou-se o bácoro.

Oh, que apelo enorme
á furia de mandar, de ser senhor!
O espírito ancestral, se ainda dorme,
vai acordar como um dominador!

Vai acordar. O cheiro a sangue o esperta.
O nosso pulso é a cem graus que bate.
Em cada um de nós o instinto está de alerta,
— se olhamos, vêmos só um circulo escarlate!

E as facas no alguidar entôam a invectiva
que fuzilando nas pupilas erra.
Desejos de morder! Odor a carne viva!
Que é do inimigo? Então quem rompe a guerra?

Suór de mil combates. Violações. Trombetas.
— Vinho servido em craneos. Montes de oiro.
Ferros a retinir, fanfarra de ais.
— E agora nas arterias desinquieta
o eco de hecatombe avança duradoiro,
como em adeus ao que não volta mais!

Vilas a arder ...

Aos upas na campina
cavalgo e sigo. E nem de longe eu vejo
um braço audaz que contra mim se afoite.
Flagelo que incendeia e que assassina,
tomou-me p'ra feitor um genio malfazejo,
— eu passo como o Vento e como a Noite!

É quotidiana a Vida, ó pequeninos Faustos,
que andais a horas mortas
buscando-lhe o sentido em livros e retortas,
quando o segredo está em n'a viver mandando!
Oh, a existencia plena, a grandes haustos!
Que belo o amor do Risco e do Comando!

Ser chefe! Conduzir os homens em rebanho!
Que embriaguez não ha-de ser a da conquista!
Cheira a chacina. E eu tremo. Um sopro estranho
os nervos m'os sacode e m'os enrasta,

Ser chefe! E no delírio em que eu abalo,
perdido de alma e corpo, tempos fora,
o mal que me arrastou não fui imagina-lo,
— é num tufão febril que o sangue me devora!

Da noite das Origens cresce um côro,
— o côro dos Avós de antigamente.
Matou-se o porco. E o eco imorredouro.
toma expressão de súbito na gente.

Matou-se o porco. O' genios da lareira,
dependurai a cítara e saí.
Cheira a chacina. A mortandade cheira.
A paz que vós cantais fugiu de aqui!

Quer-se uma tuba! Sôa ao inimigo!
É ter valentemente mão na presa!
Antes morrer lutando sem abrigo,
de que ir vivendo uma apagada e vil tristeza!

Matou-se o porco. E no cachão que nos anima,
Poesia-Heroica, o teu favor exoro!
Sêde comigo vós, Oitava-Rima!
Valei-me, ó Decassílabo sonoro!

Eu amo as sensações em que me estorça,
— eu amo os halalis de que anda a casa cheia.

Motivos novos p'ra cantar a Força!
Ressurreição da Musa da Epopeia!

... of the ...
... of the ...
... of the ...

... of the ...
... of the ...
... of the ...

... of the ...
... of the ...
... of the ...

... of the ...
... of the ...
... of the ...

Março-marçagão

Já Março vem de jornada,
vem de caminho o travesso.
Certa mimosa da estrada
deu-me essa nova de apreço,
deu-me essa nova, alarnada.

E, ó Março das ventanias,
ó Março de alma inconstante,
chegaste e logo anuncias
que o sol não cura o bastante,
precisa-se ordem nos dias!

Os dias são pequeninos,
tu queres coisa que farte!
Receias, meu valdevinos,
que possa o tempo faltar-te
p'ra praticar desatinos?

Namorador, trapaceiro,
cara, ora alegre, ora triste,
és na malícia o primeiro!
Mas que estouvado saíste,
— mofas de tudo, embusteiro!

O inverno foge-te á frente,
deitando os olhos p'ra trás.
Numa reserva prudente,
gosta de ver-te, rapaz,
sempre a judear com a gente!

Partida que se me faça,
eu cá por mim te garanto
que a levo á conta de graça.
Toma juizo, no entanto,
não topes um de má-raça!

Embora tu o não digas,
as velhas rogam-te pragas,
as moças fazem-te figas.
Se alguma vez nos afagas,
arranhas como as ortigas!

Sê homem, meu dodivanas!
Manda-me a troça ao diabo,
deixa as maneiras levianas...
Tu é que o sofres, no cabo,
só a ti proprio te enganas!

Torna-te sério, sossega!
Vê que te desacreditas!
Chamam-te já cabra-cega,
— por mais maneiras bonitas,
ninguém a filha te entrega!

Cabeça tonta, vadio,
não te conhecem assento!
Vives num tal desvario
que has-de perder casamento
por causa desse feitio!

Fala San-João de Deus

MONTE-MÓR-NOVO, 1495.

GRANADA, 1550.

« *O decor Hispaniæ: Institutor
Ordinis, proles Lusitanicæ ac Gra-
natæ nobilis celebre depositum...* »

DA FESTA DO SANTO.

Eu tenho o coração despedaçado
em tantos corações que nem eu sei!
Sou eu que sofro em cada desgraçado,
a dor dos Outros Deus m'a pôs por lei.

Quiz merecer Jesus-Crucificado,
meu descaído olhar na Cruz pousei.
Como podia ver o Ceu ganhado,
se eu era homem, — *miserere mei?*!

Trazia os vermes do hospital no peito.
Da lepra do pecado me despia
a lepra que eu tratava satisfeito.

Servo do Mal, o Mal me alimparia.
P'lo Mal, e não p'lo Bem, por meu defeito,
os Anjos me dão hoje senhoria!

À Senhora minha Mãe

Tu fôste a vela mística das Trevas
que na tribulação ficou acesa.
E ainda agora a tua chama elevas,
ainda agora a elevas com firmeza!

Foi-se-nos a fortuna em grandes levas.
E tu, Senhora minha da Tristeza,
subiste mais, ainda mais te elevas,
Voz de Misericórdia, ó Pão na Mesa!

A dívida em aberto não t'a pago.
Déste-me a vida. Não me chega a vida
nem p'ra pagar o juro mais mesquinho!

Mas deixa, minha Mãe! A esperança afago
de que essa conta enorme, desmedida,
chegue a excede-la o amor do teu netinho!

Lume-Novo

Lume de Christo desce sôbre o Povo!

Da Pedra o Fogo veio,
tirou-se das entranhas da Materia.
E entre latins acende-se o candeio,
— e entre latins se benze o Lume-Novo.

Á pedra a pedra fere-a.
E das entranhas dela, de repente,
o Fogo salta, palpitante, cheio.

Lume de Christo desce sôbre o Povo!
Lume de Christo desce sôbre a gente!

E a Igreja canta. Canta e santifica
o lume renascido em Deus Supremo.
Ó lingua mística, inspirada, rica,
eu me persino
e em frente desse teu misterio eu tremo,
tomado todo de pavor divino!

Como nos augustissimos planaltos,
ao pé dos grandes rios,
te revelaste um dia aos primitivos Arias,
assim em teus lampejos fugidios
elevas hoje os corações bem altos,
caindo em Pentecostes
por sôbre a adoração das tribus varias!

E o Fogo cresce, adeja. Envolve-o a benção
do hissope que nos torna brancos, puros.
Entre latins o incensão,
— entre latins recitam-se esconjuros.

Arde direito, ó Fogo!

Espíritos imundos

fugí, deixai o Fogo alumiar!

Tu és o sangue, és o pulsar dos Mundos,
na Criação tiveste um bom logar!

Por isso a Igreja em festa, ó Lume-Novo,
te benze erguidamente
e te depõe, rezando, num altar!

E acendem-se as alâmpadas.

Ó Fogo,

louvado sejas tu, louvado sejas!

És um dos Elementos,

irmão do Ar, irmão da Agua, irmão da Terra!

Ó vencedor das sombras malfazejas,

no Seu laboratorio

contigo Deus trabalha e em ti encerra

a graça que redime,

e aclara as almas, e derrota o crime

na santa expiação do Purgatorio!

Ó testemunha do Final-Juizo,
por ti virá Jesus no fim dos Tempos
julgar o Morto e o Vivo!
Com teu poder, ó Fogo, eu me batizo.
Tu és o meu Padrinho omnipotente,
— livra-me, que da culpa sou cativo!

Dizem que San-Vicente
meteu a mãe na forja e pô-la moça.
Ó Fogo, põe-me a alma reluzente,
talvez que o meu pedido Deus o ouça!

Lume de Christo desce sôbre o Povo!
Lume de Christo desce sôbre a gente!

Ó Lume-Novo,
saíste das entranhas da Materia
entre latins, ligeiro, de repente,
e entre latins iluminaste o Povo!

Á pedra a pedra fere-a.
E em seu oculto ventre o Fogo nasce.
Ó Fogo, purifica-me irmãmente,
p'ra quando fôr chegada o fim dos Tempos
Jesus me fite sem virar a face!

Lume de Christo desce sôbre o Povo!
Lume de Christo desce sôbre a gente!

... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...

... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...

... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...

... of the ...
... of the ...
... of the ...
... of the ...

O drama da Planície

Oh, a Planície em extasi á tardinha!
Consagração da Luz nas aras do Poente.
Momento de Misterio. Ladaínha
das coisas que soluçam brandamente.

Oh, a Planície!

E quanto o olhar avista
vestiu-se duma côr de mau agoiro.
Como a cabeça de João-Batista,
o sol descai num grande disco de oiro.

Paira um murmúrio, como numa igreja
de abóboda profunda, ao levantar-se a Deus.
Voz de silencio que em silencio adeja,
não sei dizer que voz é que ela seja,
— se ela é da Terra, ou se ela vem dos Ceus!

Paira um murmúrio. E cresce, e cresce, forte.
A lento e lento engrossa devagar.
Sôbre o Ocidente, ardendo em tons de morte,
o santo sacrificio está-se a consumir.

A luz acaba em místico tormento
p'ra o outro dia renascer mais bela.
E a voz sumida, enchida a lento e lento,
numa coral de espanto se revela.

Como uma boca abrindo em muitas bocas,
a voz secreta exalta-se num grito.
São notas bárbaras, torcidas, loucas,
que de escalada avançam p'ra o Infinito.

Avançam de escalada em torvelinho,
em torvelinho avançam p'ra as alturas.
— Motivo musical, nascido de mansinho,
como se desenrola em frases já seguras!

Paixão do Anoitecer, segundo a Terra-Baixa.
E em orquestradas amplas, de vigor,
sobe a coral, ascende. E não abaixa
a febre em que a escreveu o seu autor!

Paixão do Anoitecer.

Aos upas, aos arrancos,
cresce a coral, ascende. Ascende em maré-cheia.
Como um leão que o fogo assinalou nos flancos,
assim é que ela arqueja, assim é que ela anseia.

Percorre a escala toda em arremesso.
Já a atenção não chega p'ra escuta-la.
Igual a esse assombro, eu não conheço
nada que possa imaginar que o iguala!

São as raizes. São as aguas-mortas,
— o lusco-fusco, o drama da Planície...
Ó turbilhão de sons que o espaço cortas,
em ti não crêra, se eu te não ouvisse!

Resuscitaram os Titans vencidos!
São as raizes, é a gleba inteira.
— Compositor, varreste dos sentidos?
Ninguém te deita mão, por mais que a gente queira!

E o coro cresce. Ocupa o ceu pasmado.
Vai d'cnda em onda alçando-se p'ra Deus.
Nunca eu supús em mim, ó Descampado,
que houvesse neste mundo uns vãos como os teus!

Fuga de genio, ó *miserere* estranho,
mas quem será capaz de te entender?
Rebelião do Ser, — conforme o que eu apanho.
Segundo a Terra-Chã, Paixão do Anoitecer.

Final-Juizo. A alma das Nascentes
junta-se á alma errante dos Caminhos.
E são chocalhos, ais profundos, quentes.
São pios aziagos e escarninhos.

Epifania trágica da Treva.
A luca dá o ponto.

E no entretanto,
já tão erguida, ainda mais se eleva
a tremendíssima coral de espanto.

Marcha de herois, avança em ar de assalto.
Resuscitaram os Titans da morte.
A lento e lento vão ganhando o Alto,
— e o Alto já lhe sente o abraço forte!

Quando é que o teu febrão, compositor, abaixa?
E um eco me responde como um grito:
— Só quando a Imensidão couber na Terra-Baixa,
só quando a Terra-Baixa seja no Infinito!

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY 101

LECTURE NOTES

BY [Name]

O louvor do sal

A ALBERTINA PARAÍSO.

Ó sal, pedrinha estimada,
que vais á mesa do Rey,
não te conheço soberbas,
por isso te louvarei!

Tu és o mesmo p'ra todos,
linda gotinha de neve.
És p'ra a nobreza em palacio
o que és p'ra um triste almocreve.

Lidas com pratas lavradas,
lidas com bocas famintas...
Em nada fazes diferença,
por mais diferença que sintas!

Humilde, alegre e bondoso,
vem-te esse dom de raiz.
Talvez pertenças á regra
do fr. Francisco de Assis!

Pode na casa do pobre
não haver luz, faltar pão,
andar por fóra a saúde,
mas lá o sal é que não!

As naus antigas do Quinto
traziam pedras custosas.
Pouca valia era a delas
ao pé daquela que gozas!

Contigo um prato de açorda
sabe a um divino manjar.
Sem ti, que são iguarias?
Só servem p'ra enfastiar!

Ó sal, és gosto de quem
outros no mundo não tem!

E a Morte não te intimida,
a Morte não te acomete,
ó sal, reduto da vida!

Deus sôbre as mais criaturas
deu-te o condão de a venceres!
Deu-te a maior das virtudes,
deu-te o maior dos poderes!

Eu te abençoô, eu te louvo
por nunca te corrompêres!

E, ó Dor, adubo das Almas,
e, ó Sal, adubo da Terra,
o mesmo peito vos cria,
no mesmo peito se encerra
o vosso nobre costado,
a vossa linha ancestral!

Tanto que o gosto das lágrimas,
se a gente as prova, é a sal!

Ó sal, fermento sagrado,
louvado sejas, louvado!

Tu alimentas Profetas.

Sinal do Espirito-Santo,
ó Pão da Sabedoria,
p'ra ti as mãos eu levanto!

O grão que em nome do Verbo,
na boca o Padre me impôs
á face da Agua e do Lume,
desfê-lo o assopro do Mundo,
não me ergue a ínfima voz !

E eu quero, ó sal, alcançar
onde a cegueira dos homens
não póde nunca chegar !

Alto sabor da Verdade,
sabor que ao Fogo se irmana,
como o carvão de Isaias,
queima-me os beiços impuros,
unge-me a lingua profana !

Ó sal, eu quero dizer
aquilo que eu adivinho,
mas que não posso abranger !

Toma-me, abrasame todo,
chama do Espírito-Santo!

Ó Pão da Sabedoria,
por ti me guardo e persino,
p'ra ti as mãos eu levanto!

Évora-Cidade

*« Depois duma batalha tão grande
que as aguas ham-de correr tintas de
sangue, a guerra se acabará para
sempre junto a Évora-Cidade. Á som-
bra duma palmeira que lá existe, os
sobrevivos de banda a banda come-
rão uma novilha em sinal de pazes.
Tão poucos eles serão, que a vitela
ha-de chegar e sobrar ».*

Do Povo.

I

Lá onde
torres christãs, muralhas sarracenas,
enrugam com nobreza a Terra-Baixa,
aí, ó tribus da Planície imensa,
ergam-se as mãos ao Ceu que é Évora-Cidade!

Sôbre o Crescente a Cruz.

Atrás do arado,
a Raça canta sempre e ainda espera.
Cheia de fé, semeia. E o grão sagrado
muda-lhe a esperança em pão abençoado
por cada primavera.

Sobe da stepe, quando a relha a corta,
não sei que incerta voz, que enlevo esparso.
É cinza heroica, são ossadas nuas,
toda a grandeza morta,
rimando a intrepidês do velho sangue
com o furor fecundo das charruas.

E a Raça canta a moirejar p'la vida.
Honrada e scismadora,
embala-se no opio do Horizonte.
Mas, ai! a gloria ida,
de que se sente ainda bem senhora,
não tem palavra humana que lh'a conte!

Só no rumor das veias,
— na grã-maré dos sonhos ancestraes,
palpita essa visão de torres e de ameias,
a recordar-lhe o que não volta mais!

E a Casa de Antre Tejo-e-Guadiana
diz: — « *Évora-Cidade!* »
com tal unção, com tanta magestade,
que até á criatura mais profana
impõe solenidade.

Á sombra das basilicas augustas,
é lá que dorme o espirito encantado
que não podendo, ó Raça,
vencer o vil marasmo a que te ajustas,
por entre os pastos e os piornaes repassa,
surgindo á flor da terra com o arado!

É lá que dorme sob as aras santas,
com Christo ao alto, a secular promessa
que na soneira em que hoje te quebrantas,
tornada pão, em pão a ti regressa!

É lá que mora em paredões morenos,
com meias-luas, cruzes e zimbórios,
ó Casa de Antre Tejo-e-Guadiana,
teu genio tutelar!

Junta-se o eco do Alcorão aos trenos.
E a scintilar clarões divinatorios,
domina a cimitarra a áquila romana
aos pés do Senhor Deus em Seu Altar.

II

No fundo dos vitraes, na mão o globo de oiro,
reina Jesus em Príncipe da Paz.
Ó Évora-Cidade, ó miradoiro
dum povo de defuntos, tu me dizes
as épicas raizes
da grande geração que á sombra de Ele jaz!

Ó Évora-Cidade, em ti palpita,
ó crónica imortal de Quatrocentos,
o Pelicano, a Armila,
toda a Epopeia da Navegaçam!
Se estava a Africa de ti bem perto...
E enamorada irmã
da tua força rústica, tranquila,
mandava-te recados com os ventos,
— mandava-te saudades,
cheias de imagens quentes do Deserto!

Sete Partidas... Nau Catarineta...
— E o olhar devora aparições de pasmo.
Monstros, sereias, fabulosos climas,
a eterna Afortunada!
« Raça, o cometa manda que acometa! »
E o ardor do arranco dás-m'o
tu, ó quimera doida que me animas,
— mal dos sentidos
com que a minh'alma em febre acamarada!

Ó ânsia de partir, ó ânsia louca
de se ir a gente e de ficar tambem,
puzeste por desgraça em mim a boca!
Como ninguém,
te soffro, te padeço a trova louca,
ó ânsia de partir e de ficar tambem!

Prestes-Joham, cantiga da Aventura,
oh, xácara dos buzios, Mar-Coalhado,
delírio ultramarino,
no habitual « *Se Deus quiizer!* » da Raça,
lento, murmura
o trágico responso do Destino!

E quando no rumor que opia as veias,
— na grã maré dos sonhos ancestraes,
a Casa de Antre Tejo-e-Guadiana
consulta essa visão de torres e de ameias
é p'ra lembrar o que não volta mais!

Sobe da stepe, quando a relha a corta,
não sei que heroica voz, que aceso côro!
Em nosso sangue morta,
toda a grandeza antiga ressuscita
na graça, no esplendor do trigo louro.

E a Terra-Baixa em Évora-Cidade
depõe o túmulo da sua esperança.
Farto celleiro, é lá que a soledade
mora na companhia da abastança!

É lá que cresce oculta uma palmeira,
falada em profecias.

Depois de incarnizada ação guerreira,
desfeitos dois exércitos audazes,
os poucos a restar de banda a banda
lá ham-de ter o seu festim de pazes.

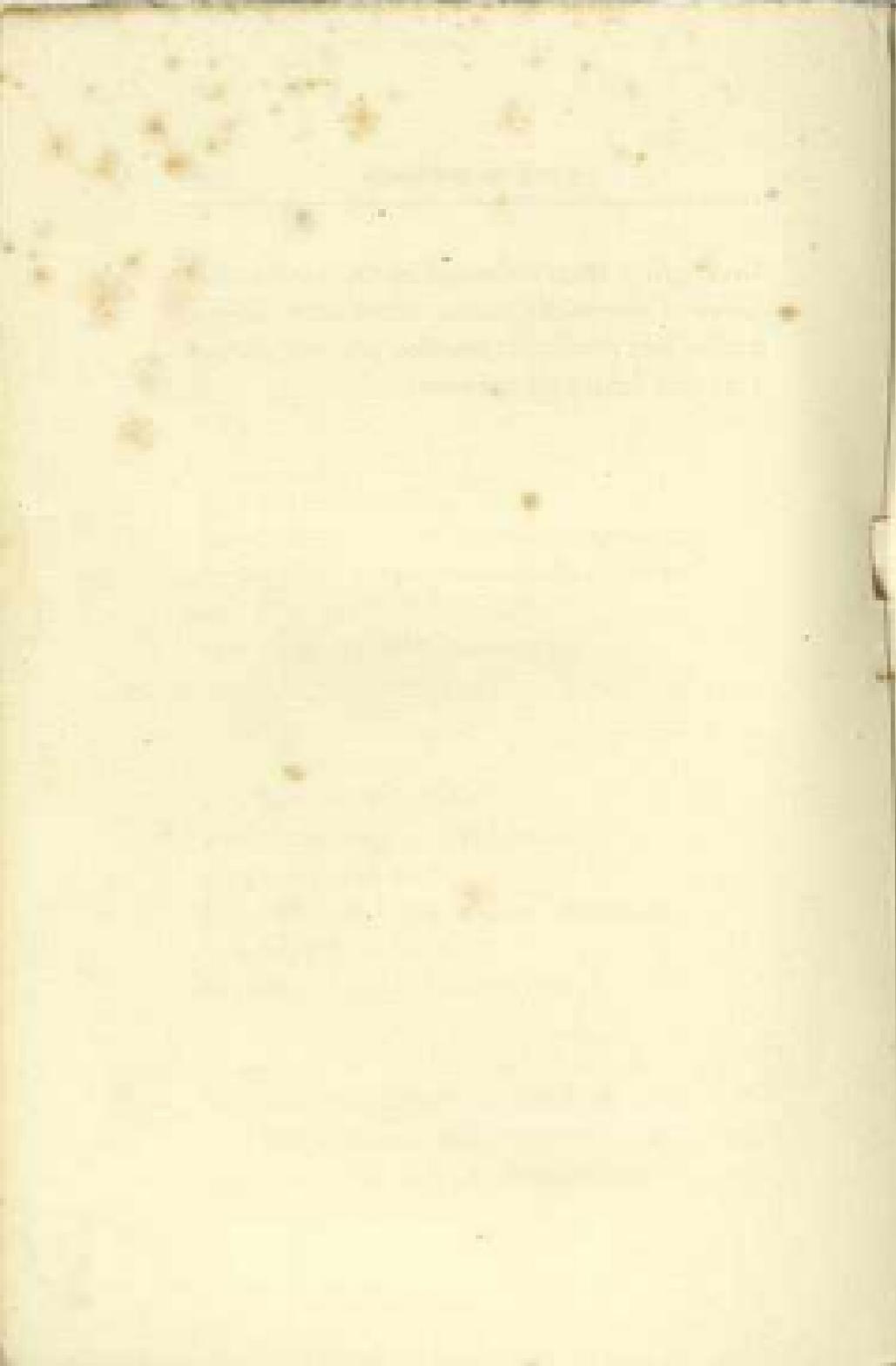
Oh, onde estão os tormentosos dias
quando em batalha dura e formidanda
cheguem á mão os povos mil da Esfera?!

Raros sobreviventes
se contarão de parte a parte, ao cabo,
— tão raros que uma fronde de palmeira
virá a ser abóboda abundante,
virá a ser abóboda altaneira.

P'ra lhes matar a fome
uma vitela chega e sobra ainda,
tão poucos eles são!
Mas terminou a guerra e de ora avante
que madrugada linda
não desce sobre a humana geração!

E á sombra das basilicas augustas,
com o Senhor ao fundo,
cresce em silencio o pavilhão silvestre.

Deus quiz-te bem, ó Évora-Cidade!
Serás na eternidade
a salvadora mística do Mundo,
a mística Jerusalem terrestre!



À Senhora dos Prazeres,
da minha terra

« ... nossa Senhora dos Prazeres, de quem os moradores desta Villa recebem grandes Misericordias, assi em livrar os frutos da praga dos gafanhotos, como em lhes dar agua quãdo suas searas hão mister, pello que lhe são mui devotos, & visitão sua casa com offertas, & procissões, he Imagem formosissima, & não ha pessoa que a veja que não sinta em si grande alegria & consolação interior ».

ANTONIO GONÇALVES DE NOVAES, Relação do bispado de Elvas.

Tu és, Senhora,
na Tua clara nave sem grandezas,
mais afamada que uma lavradora
por toda a rosa destas redondezas

Sem reparar em rico nem em pobre,
com o Menino ao colo em Tua igreja,
és mãe compadecida,
encobre o Teu amor quem quer que seja!

Sê Tu louvada, ó minha Arca-aberta,
Reliquia do Perdão na Outra-Vida,
Certeza mais que certa em cousa incerta!

Madrinha dadivosa, não te enfadas,
és sempre da aflicção que Te procura!
Encanas braços, pernas desmanchadas,
chegas-nos a tirar da sepultura!

Levam-Te ramalhetes, velas, tranças,
mas vão pedir-Te muito mais ainda.
E Tu és sempre a mesma, não Te cansas,
tens sempre o mesmo modo, a mesma cara linda!

Disse-me a sacristôa
que já Te achou areias no vestido.
É longe o mar, mas a vontade é bôa,
— e Tu que sais de noite a ver as rezes,
depois do Teu Menino adormecido,
lá baterás con-Tigo algumas vezes!

Andas por arribanas e montados,
querem-Te os homens como os animais.
Vaca parida, lobo p'los outeiros,
— e Tu, com pés ligeiros,
a corta-mato, p'ra acudir, lá vais!

Nossa Senhora caminhando leguas
com invernia brava e coisas-más!
Ladrões e bruxas dão-nos logo treguas.
E manda embora a chuva mais o vento,
que vão deitar-se em paz!

E não ha fome, não ha peste, não ha guerra,
— livras de seca e de devastações!
Voz de Misericordia sôbre a terra,
assim nos livres de ruíns ações!

Não fôras Tu Senhora dos Prazeres,
não déras Tu satisfação á gente.
Erguêram-Te um altar p'ra nos valeres,
louvada sejas Tu eternamente!

Perdida numa herdade,
presides, benfazeja, ás sementeiras,
— botas o Teu olhar p'ra o grão de todos.
E, ó minha Mãe-Madrinha, quem não ha-de
ter pão em casa, ter farinha a rodos,
desde que Tu o queiras?

Depois p'la Pascoela em lavradora
Tu vais, Senhora,
dar uma volta lenta p'los trigaes.
A agua não faltou, o sol é brando,
— mas não assossegando,
sais a saber de que precisam mais.

Senhora dos Prazeres,
erguêram-Te um altar p'ra nos valeres,
— louvada sejas Tu eternamente!
Livras de seca e de devastações.
Assim nos livres de ruíns tenções
e dês no Ceu um bom logar á gente!

Avé, Maria,
com o Menino ao colo, toda pura!
Que nunca falte aos homens a alegria,
nem a fartura!

Hei-de ir fazer-Te um dia uma visita,
quando o meu Filho já souber rezar.
E eu vejo já de aqui, — visão bemdita! —,
o Teu Menino e o meu, pegados a brincar.

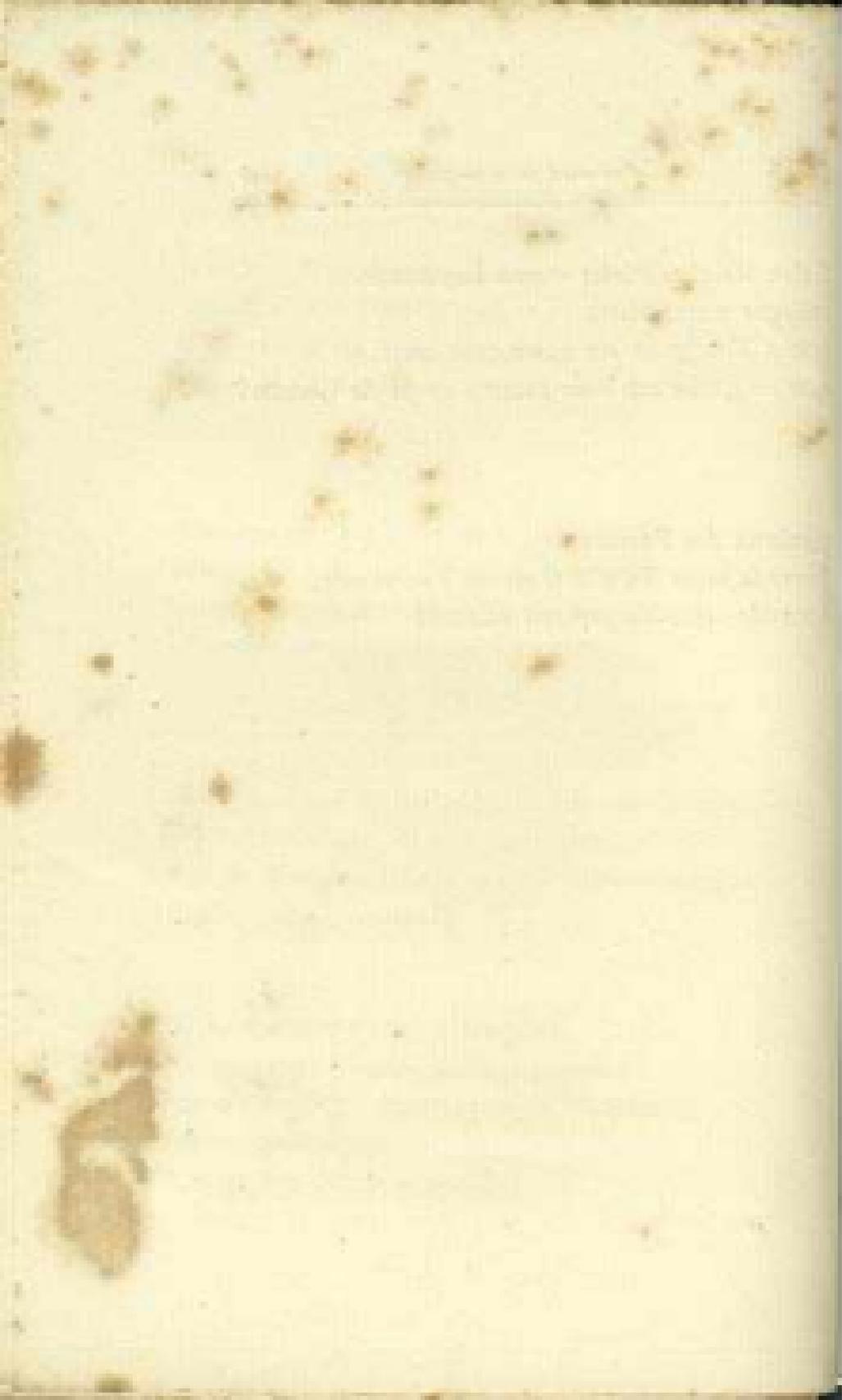
Tem-me con-Tigo, alonga a Tua benção
sôbre este Lar, que Te é fiel, Senhora!
Nunca os trabalhos de viver me venção,
sê sempre a minha amiga e protetora!

Tão longe que eu me encontre em mar ou terra,
hei-de bradar por Ti p'ra me valeres,
Voz de Misericórdia em que o Perdão se encerra,
Senhora dos Prazeres!

E, ao assomar a hora derradeira,
em maternal desconto a meus pecados,
que o peso desse Manto, ó doce Medianeira,
exceda na Balança
a soma dos delitos já pesados.

Salve Rainha, minha eterna Esperança,
milagre nunca visto,
que a Tua graça em nossa casa entre,
que eu ganhe um bom assento ao pé de Christo !

Senhora dos Prazeres,
louvada sejas Tu p'lo fruto do Teu ventre,
louvada sejas Tu por nos valeres !



O louvor da casa

*« A mulher que mais sabe, não
passa de saber arrumar uma arca
de roupa branca ».*

Da Carta de guia de Casados.

Ó minha salva de prata,
lençol de fina bretanha,
tu és a dona da casa,
ninguém no arranjo te ganha!

A cantareira está limpa,
a roupa bem passajada.
Anda a dispensa na ordem,
a aranha não te quer nada.

Diz a vassoura : — « Que séca!
Quando é que a gente descansa? »
Trazes as chaves contigo,
sabes pesar, tens balança!

Ricas receitas as tuas,
receitas como nenhuma!
São papos-de-anjo, filhozes,
são trouxas-de-ovos e espumas.

Nem a rainha em palacio,
nem no convento uma freira
juntam a mãos tão prendadas
tanta sciencia caseira!

Costuras, lindos bordados,
amostras lindas de renda...
Então mézinhas que sabes!
Quem ha que não as aprenda?

Com esse luxo de aceio
é certo quanto se conte.
Á cal subiram-lhe o preço,
não chega a água na fonte!

Já tenho quem me remende.
Tu poupas, não empobreço.
Tenho mulher que me trate
se alguma vez adoço.

Deitas galinhas no choco,
tu enches sempre o fumeiro.
O teu rebanho de patos
é sem favor o primeiro!

Démos um nó um no outro,
p'ra dá-lo fômos ao cura.
É nó cerrado, nó cego,
p'ra toda a vida ele dura!

Lá diz S. Paulo aos casados
que vivam com união.
Eu trago-te arrecadada
dentro do meu coração.

Nunca por pouco que fosse
falou de nós um vizinho.
Nós partiremos o queijo
que está no Ceu inteirinho!

A Deus as mãos alevanto
p'lo tino com que acertei!
Oh, uma casa sem dona
é como um trono sem rei!

Maio-Moço

*« Este Maio-moço
era boticario.
Vendeu a botica
p'ra comprar um saio.*

*« O saio era roto,
botica perdida.
Agora meu Maio
ganha a tua vida ! »*

Do Povo.

Todo de verde e oiro, lá vem Maio,
— lá vem chegando agora p'ra a retouça.
Disfez-se da botica mais do saio,
só quer acompanhar com gente moça!

Vestido de giestas o diab'alma
mete um vistão p'ra quem o não conheça!
De manto e de capela, é uma palma
com seu penacho erguido na cabeça.

E dança e cantarola: « — *Á i ó ai!* »
— Meu cata-que-farás, vieste cedo!
Não vinhas cá por bom, *á i ó ai!*
assim com esse modo esperto e ledó!

Pega à luzir o dia.
P'lo campo a claridade tomba a rodos.
Temos o Maio á porta!

O que diria
se já a pé nos não achasse a todos?!

Doutor em malas-artes, maldichano,
o Maio os dorminhocos infeitiça.

Vá lá de alevantar com ligeireza,
se não caímos numa tal preguiça
que, p'ra a satisfazermos, com certeza
não chegaria um ano!

Eh, gente moça,
vamos correr com Maio as cavalhadas!
Manhã fresquinha e lenta. Que retouça!
Como as searas pulam bem medradas!

E, *á i ó á!* em contradança louca
bailam oiteiros, bailam sementeiras.
Em cada voz errante ha uma boca,
bradando em ar de boda p'ra as alturas.

Amostram os papões o olhar manhoso...
— Era uma vez um Maio, um boticario,
que não parava por amor do gozo
com fama de estouvado e perdulario!

Ei-lo aí vem, *ailé*, o pouca-roupa!
Deu a botica por dez-réis de estopa,
fez de rapaz solteiro.

P'ra ver o Maio
entreamos os papões o olhar matreiro,
fitando-o com malícia, de soslaio.

E com chapéu de rosas, com libré de rama,
o grande tonto baila numa festa.
Nem um alarve aos pulos na Moirama
se alembra duma dança como esta !

« *Ay, frol do verde pino...* »

— E Maio ensina

toda a cartilha da sciencia-gaya.
Maltez de copada atada, cabra-cega,
deram-lhe a sina
de andar assim cantando, barbiruivo,
ora em trovar de amigo, ora em comprida vaia,
conforme adrega,
lá ao saber alegre que ele ensaia.

« *Ay, frol do verde pino...* »

— E Maio ensina

toda a cartilha de sciencia-gaya.

Bufarinheiro, tenta as raparigas
com coisas de namoro e de cobranto.
Taful e maganão, — doidice, a tanto obrigas! —
sendo diabo, ás vezes faz de santo!

E tudo quanto Maio encontra nado
seus pós de maravilha, — ai, que receita rica! —,
ao ir de marcha, deixam-n'ó espigado.

Ainda são os restos da botica,
— dessa botica que trocou p'lo saio,
p'ra se entregar á vida-airada o não-te-rales!

E de chapeu de rosas, de libré de rama,
como um alarve aos pulos na Moirama,
á i ó ai! lá vem cantarolando
por montes e por vales.

O dia não demora.
Ei-lo que assoma, traz o Maio á frente.
Vá de alevante, vamo-nos embora,
que o Maio, ó gente moça,
o que ele quere é embruxar a gente,
se a gente o não alcança na retouça!

Acima, acima,
que o ar da manhãzinha faz milagres,
é ar de encanto, dá saúde, anima!

Tragam adufes, concas e buzinas,
vá de cantar matinas
a quem de tanto gosto assim madruga!
Concas e adufes, vão-se já dispondo,
p'ra vir abaixo tudo com o estrondo,
que até porá o bom do Maio em fuga!

E Maio aponta. Aponta, *á i ó ai!*
vestido de giestas o diab'alma.
Mete um vistão de pompa, *á i ó ai!*
p'ra quem o não conheça!
De manto e de capela, é uma palma
com seu penacho erguido na cabeça.

Eh lá, ó Maio! Eh lá, ó valdevinos!
Com esta não contavas, meu ladrão!
Vinhas-te a preparar p'ra desatinos,
— não nos apanhas descuidados, não!

Ó gente moça,
vamos correr com Maio as cavalhadas!
Manhã fesquinha e lenta.

Que retouça!
Como as searas pulam bem medradas!

Deitem-se a trancos dele que se escapa!
Agarra! Cerca! Cerca!
Botem-lh'a mão, segurem-n'o p'la capa,
— malhem-no bem, que não vos dêa a perca!

Vestiu-se o mafarrico de giesta,
vestiu-se de oiro vivo e de verdura.
Porem, a vestimenta com a festa
não sei ainda como é que ela dura!

Doutor em malas-artes, barbiruivo,
o Maio os dorminhocos infeitiça.

Vá lá de alevantar com ligeireza,
— cansem-me, vençam-me esse maldichano,
senão caímos numa tal preguiça
que, p'ra a satisfazermos, com certeza
não chegaria um ano!

Toada do Menino

Nascêram dois dias juntos,
nunca se viu coisa assim!
Nasceu um dia p'ra o mundo,
nascia outro p'ra mim.

Este Menino tem sono,
o sono não lhe quer vir.
Quem sabe lá se valia
ficar p'ra sempre a dormir?!

Ó lua, és má p'ra as crianças,
vê tu se embruxas a minha!
Foi-lhe Madrinha na terra
Quem lá nos Ceus é Rainha.

Por via daquela historia
da bela infanta dormida,
não fiz ás fadas convite,
não fosse alguma esquecida.

Nas mãos de Deus em pequeno
cabia a bola do mundo.
Tenho o destino nos braços,
dormindo um sono profundo.

Nasceste em roupas de preço,
— onde é que irás acabar?
Eu peço a Deus que te leve,
se te não ha-de guardar!

Lêram-te a sorte, meu Filho,
não ha sinaes como os teus !
Melhor que a sorte mais bela
foi sempre a graça de Deus !

*« Quanto eu te quiç só mais tarde
os filhos t'o ensinarão ! »*
Meu Pai assim me dizia.
O neto deu-lhe razão !

Que valem figas e cruces
contra o que está destinado ?
Por mais que a terra se mexa,
o sol mantem-se parado.

É tua Mãi que te cria,
nunca te faltam carinhos.
Ah, quanta ama a dinheiro,
roubando o leite aos filhinhos !

Quasi que escapas á gente
por entre rendas e folhos.
Bordão da minha velhice,
tu has-de fechar-me os olhos!

O meu Menino sorriu-se,
sorriu-se, estava a dormir.
A lua é mestra, dá aula,
é ela que ensina a rir!

Oh, quem te vira crescido,
quem já te escutasse a voz!
Com qual de nós te pareces?
Quem é que alembra de nós?

Na hora de Deus nasceste,
— que Deus te encaminhe bem!
Que sempre dês os teus passos
na hora de Deus, amen!

Poema do San-João

A JOSÉ PEQUITO REBELO

De cântaras lavradas
em bôa prata velha, côr do tempo
amostram-se na fonte as moiras-encantadas.

Noite de San-João...

Com pentes de oiro fino,
penteiam seus cabelos pretos, pretos,
como um negror de amoras.
E infantas presas dum ruim destino,
é vê-las a tecer nos carapetos
os ricos enxovaes,
que são p'ra aquelas cubiçadas horas
em que ham-de desposar os moços com batismo
num frenesim de beijos sensuaes.

Tentam os passageiros com descantes,
— e falam de tesoiros, de castelos,
ocultos no segredo.

*« Quebra-me o Encanto, dá-me os oleos-bentos,
se tu desejas ser um príncipe com trono! »*

E em vozes doces, vozes perturbantes,
cheias de sonhos belos,
as moiras-encantadas num enredo
roubam a Salvação aos moços com batismo
que ficam a dormir um largo sono.

*« Quebra-me o Encanto, dá-me os oleos-bentos,
se tu desejas ser um príncipe com fama! »*

E os moços, dando ouvidos aos lamentos,
enamoradoamente
deixam beijar-se sobre os olhos fundos
p'las filhas luxuriosas da Moirama.

E quando no prazer desfalecidos
se abalam dos sentidos
e com lascívia buscam outros mundos,
não é um corpo lindo que se aperta,
mas pavorosamente
não sei que coisa monstruosa, incerta,
não sei que corpo horrível de serpente!

Noite de San-João...

E enquanto no silencio
as moiras-encantadas com feitiços
roubam a Salvação aos moços batizados,
sons de tristura, de paixão dorida,
mornos, abafadiços,
morrem no ar, desfeitos aos bocados.

Sons de tristura, de paixão dorida,
morrem no ar. Adufes e pandeiros
dizem o fado desta raça antiga.

Agua de San-João, agua de longa vida!
E num louvor ao Santo e aos seus festeiros
lá sobe uma cantiga.

Uma voz :

*Ó agua santa da fonte,
colhida agora ao relento,
o pão contigo amassado
nunca precisa fermento!*

E no recato virginal dos quartos
queimam-se as alcachofras, ha suspiros
de languidez, de febre.
Cansados, a gemer, mas nunca fartos,
os moços abandonam-se ao prazer.
E as moiras-encantadas, de mansinho,
p'ra que o fatal encanto se lhes quebre,
roubam-lhe os oleos-bentos sem par'cer.

O poço boquiaberto é consultado
como um agoiro, como um nicromante.
— Eu viverei p'ra o ano se no fundo
da agua a minha imagem se alevante.

Noite de San-João. As raparigas
choram a viuvez, o seu desprezo.
Os moços todos num pecado aceso
fôram-se a ver das moiras-encantadas
p'ra se entregarem em carnaes fadigas
a essas traíçoeriras namoradas.

Bárbaro e rude,
lá cresce o adufe em som mais alto e forte.
— Feto real, ó herva de virtude,
trevo de quatro folhas,
lêde-me a sina, sêde a minha sorte!

Lá cresce o adufe. E em nobre mordomia
entôa-se a alvorada a San-João.

Correm-se o porco-preto, as cavalhadas.
E aos gritos de alegria
entra no adro em dansas a irmandade,
de capa e de calção.

É Dom Gayfeiros, Melisendra, é Dona Infanta,
Bernal-Francês, Dom Claros de Alem-Mar,
é a familia regia do Ocidente
que, de bandeira erguida e crótalos na mão,
veem cantar na alva que se espanta
maravilhosamente
cantigas de louvor a San-João.

A velha Brígida acompanha o coro.
Passa o Rimance, a alma das Lareiras.
O capitão da Nau-Catharineta
pesa-se a ouro.
E Clara-Linda, logo entre as primeiras,
agita, já casada, a pandeireta.

Passa o Rimance, a alma das Lareiras,
— o conde da Alemanha, os Doze-Pares,
a nossa Meninice.

E da visão das xácaras ingenuas
saem cortejos lentos, singulares,
vai cheia de cortejos a Planície.

Moira-encantada, a musa lânguida do Povo
desperta da soneira em que ela jaz.
E ao filho de Isabel, solteiro e novo,
farto de mel silvestre e gafanhotos,
chegou-lhe enfim a vez de ser rapaz!

Tambem arrisca a Salvação o Santo!
E no silencio escuro,
debaixo do fatídico quebranto,
a alma das Lareiras, moira presa,
conquista
o beijo de resgate e de pureza,
roubando os oleos-bentos ao Batista.

De manhãsinha
irão casar-se moiras e christãos
Jesus é o padre-cura, a Mãi, madrinha,
os Anjos todos vão fazer de irmãos.

E enquanto dura a boda p'las alturas
o Sol, divino archeiro, vence a Treva
em luta sem igual.
Á força, com as redeas bem seguras,
o grande, o imenso Deva
conduz ao apogeu o carro triunfal.

É a victoria máxima do Estio,
— a plenitude mística da Luz,
que em ondas sobre a gente se derrama
num festival eterno.

Em cima, nas Alturas, ha um drama.
Batido, espesinhado,
cede a passagem o Dragão do Inverno
ao Deva omnipotente, ao Deus bravío,
que o carro de oiro ao apogeu conduz.

Lá nos profundos ceus o Dia alcança
as órbitas supremas do Infinito.
Apoteose heroica. E a Natureza,
em Arco-de-Alliança,
saúda o Amanhecer num clamoroso grito.

A Terra com o Astro em casamento
cerram o círculo em que a Vida impera.
O bafo do Senhor anima o Firmamento
e envolve toda a Esfera.

Envolve toda a Esfera. E o grande Deva,
o que bateu nos altos ceus a Treva
em drama nunca visto,
é uma rosa abrindo no Nascente,
maravilhosamente,
sob o pacífico sinal do Christo.



Geórgica da colheita

A MANUEL EUGENIO MASSA

Caíu o trigo, graças aos ceifeiros,
que andaram moirejando soes inteiros
p'los campos como brasa.

E agora nos cabeços pachorrentos
o grão alimpa-se á mercê dos ventos
p'ra ser depois arrecadado em casa.

Como uma procissão devagarinho
os carros passam arrastadamente
aos bordos p'lo caminho.

Passam vistosos alembando andores,
— olhados com amor por toda a gente,
por toda a gente olhados com louvores.

Os molhos sobre os molhos fazem torre,
erguendo-se a direito
como uma bem traçada casaria.
Canta a cigarra. É lume o ar que corre.
Oh, carregar um carro tem preceito,
requer sabedoria!

Lá passam lentos num vagar de festa.
O pó que se alevanta é labareda, cresta,
— Deus nos ajude a pôr o pão na eira!
E os carros passam com o trigo loiro.
Entrou-se a espesinhar o calcadoiro.
Quanto será que este ano se inceleira?

Deitam-se contas. Ha gabões, apostas.
« *Fundiú a dez sementes, ó compadre!* »
— E tu, mortal feliz, sorrís e gostas,
embora o cálculo inda não te quadre!

E só se fala em grandes dinheiramas.
Não se olha a gastos, temos p'ra a despesa,
— é boa ocasião p'ra quem quizer casar!
Não se conhece já o que é pobreza,
— colheu-se pão p'ra se vender e dar!

Giram debulhadeiras com despacho.
E num rumor frenético, borracho,
o grão descai da maquina, limpinho.
O tempo vai mas é p'ra os lavradores!
E os carros voltam carregando os sacos,
aos bordos p'lo caminho,
solenes e vistosos como andores.

Louvado seja Deus, louvado seja,
que não negou a benção benfazeja
ao braço que amanhara a terra dura!
Herdade de Antre Tejo-e-Guadiana,
ó Casa da Abundancia, ó Casa Ufana,
eleva sempre o coração sadio
á graça do Senhor que em cada estio
te escolhe p'ra solar paterno da Fartura!

E os carros voltam. Voltam com o trigo.
Não sei que genio antigo
me acode ao avista-los em cortejo!
Minh'alma sobe ao longo das idades.
Que estranhas divindades.
são essas que me falam, quando os vejo?

Que extinto culto dentre em mim perpassa,
— que voz rezada anda a embruxar-me as veias?
Saíu do purgatorio o espírito da Raça,
de imagens ancestraes vão as pupilas cheias.

E eu que sou simples e nasci em Christo
alembro-me de ti, ó deusa Ceres!
Jesus perdôa, se é pecado isto!
Mas como não será, ó destronada,
lá no logar de pena em que estiveres
a vida que tu vivas exilada?!

Teu nome não n'ó sabem já as messes!
Deusa, se cá viesses,
perdidos com os templos os devotos,
ninguem as sacras danças te bailara,
era maior a dor que te extenua!
Deu-te má paga a pouca fé dos homens!
Oh, que saudade a tua,
sem sacrificios nem sentidos votos
que te alegrassem a esquecida ara!

Quem é que os velhos carmes te dissera,
— quem te ofertara os anhos e as primícias,
Senhora das Colheitas, madre fera,
de gesto compassivo e mãos propícias?

Nem a tortura tão falada outr'ora,
quando em soluços ias p'los cabeços,
de facho erguido, a procurar a filha,
se pode comparar á desta hora!
Tu és Demeter, mas não tens altares!
E assim, no esquecimento que te humilha,
teus dias de Imortal são poucos p'ra chorares!

Maria habita em capelinhas brancas,
no alto das colinas reina a Cruz.
A ti que em fundos ais o peito arrancas
valha-te a ampla benção de Jesus!

P'la lei do Amor é Christo Quem governa.
Sofreu por nós, por nós venceu a Morte.
A Virgem sabe a tua dor materna;
sois ambas Mães e com a mesma sorte!

Conta-lhe tu, Demeter decaída,
quanto te fez chorar o fruto do teu ventre,
porque no fundo não deixaes de ser mulheres.
E então talvez que a paz sorria á tua vida,
— talvez que a paz na tua vida entre
por obra de Maria, ó deusa Ceres!

Em Christo recebida, em Christo amada,
has-de voltar a presidir aos campos.
Com torres, corucheus e janelinhas,
terás uma lindissima morada,
onde te irão levar borregos e galinhas,
molhos de espigas, mel doirado e figos lampos.

Jesus depõe nas tuas mãos propícias
a urna da Abastança.
Olha a teus pés os anhos e as primícias,
como a teus pés de novo já se dança!

Guarda os trigaes em bôa lavradora,
encarregou-te o Ceu das chaves da Fatura.
Lembra-te bem que da seara loura
um dia sairá a hostia pura!

Deusa pagã, p'la dor tornada santa,
p'la Salvação-Eterna eu te saúdo!

Agosto em meio. A eira se alevanta.

Já se não vê a debulhar ninguém.

Ha pão p'ra a boca. Ha pão p'ra a alma. Ha pão p'ra tudo.

Seja o Senhor louvado, agora e sempre, amen!

Ao levantar das eiras

A JOÃO DUARTE DE OLIVEIRA

Ao levantar das eiras, toda a terra
se empola e greta numa sêde ansiosa.
O sol em viva guerra
com um furor de sádico a desposa.

Brame em cachão a stepe.

Alembra um fervedoiro
onde rugissem vozes aziagas.
Irmã das Sete-Pragas,
chega a Canícula em jornadas duras.
Vem montar casa no solar do Sono,
enquanto p'las Alturas
a luz coalha em grandes poças de oiro.

E num deboche, numa orgia louca,
o azul derrete-se em metal fundido.
— Ó *Dies iræ*, que encrespada boca
é essa que de longe está soltando
seu longo, seu diabólico latrido?!

Abalam as cegonhas,
sumindo-se a distancia arrastadoramente.
Um hálito de lume abrasa tudo,
— acaba de torrar o que era verde ainda.
Calcina-se em poeira o chão desnudo,
— o chão desnudo em febre se devora.
E agora
sobre as paisagens murchas e tristonhas
o Ceu desfaz-se num cinzeiro ardente.

Cheira a queimado.

Oh, que infernal poema
sobe dos campos no suor das coisas!
A alma da Planície estorce-se, blasfema,
põe-nos em flama os olhos.
E o verbo da Estiagem sufocante
por cima dos alqueives e restolhos
anda a explicar as criações de Dante.

De além da raia, estéril e violento,
eis que o *suão* maldito continúa
ladrando, sem parar.
O sol entorna-se p'la terra nua.
E a terra sente em negro sofrimento
roê-la o escorpião canicular.

De Espanha

nunca se espere ou vento, ou casamento,
capaz de aproveitar a gente portuguesa.

O sopro do *suão* de lá nos abocanha.

Mordendo o chão exânime, amarelo,
é o deserto urrando com braveza,
— chega a lembrar um bíblico flagelo.

Mostram as fontes secas o arcabouço.

A agua debandou p'ra ribas mais clementes.

Mirraram-se as ribeiras. Fica em osso
o leito esbrugadinho das correntes.

Retoiçam os mosquitos. Linfas sujas
fermentam podridão, epidemias.

Só tu, cigarra, a calma sobrepujas,
levando a sesta lenta em cantorias!

Oiço estalar a aragem. Rarefeito,
o ceu abafa, abre profundas cavas.
Oh, a impressão que eu soffro sem igual,
é como um diamante
cortando cruamente um vidro a eito,
ou, — numa imagem mais alucinante —,
como uma unha a esgaravatar na cal!

E num borrão de tinta ensanguentada
a claridade cega...

Oh, que afitivo drama
ter vista, ver a luz, — mas p'ra a pupila quieta
tomar agora a treva a côr da chama,
ser como quem não visse mesmo nada!

Gemem as rolas. Em soluço as noras
contam a triste sorte das raizes.
Ó verde milheiral, porque é que choras,
— que dor desconhecida é essa que nos dizes?

E a terra empola, rasga fendas, greta.
É pó desfeito, já se não fecunda.
Não sei que mágua íntima, secreta,
a deixa sem sentidos, moribunda!

E, cantilena áspera, bizarra,
aos rancos do *suão* enfurecido
ajunta-se a cigarra,
moendo e remoendo em bárbaro alarido.

Síncopes de visão, caprichos da retina,
— diabo á solta, aparições de manicómio...
O pó ensaia a dança serpentina,
ora amostrando, ora ocultando a face.
E uma nevrose espiralada come-o
em curvas de San-Vito,
como se uma tarântula o picasse.

Manda a Canícula. E ao redor eu vejo
o campo todo numa brasa a arder.
Provincia de Alentejo,
o teu pintor ainda está p'ra te nascer!

É a Canícula...

Ó solar do Sono,
morgado da Preguiça, nossa ama,
tens uma hospeda do teu agrado!
Cá na moirama,
pondo cuidados e aflições com dono,
agora é que é dormir-se regalado!

Casa paterna
do Sol e das Trovoadas, da Abastança,
tambem de bôa vida a gente se governa,
— de que é que servem bens, se a gente não descansa?

É a Canícula...

Senhora minha
do Deixa-lá-Andar, do Não-te-Rales,
louvada sejas tu, riquíssima madrinha,
que neste mar de lágrimas nos vales!

De olhos fechados, na penumbra doce,
eu adivinho a luz lá fora ás gargalhadas.
É a Canícula.

Ó Amiga, quem te trouxe
com as compridas sestras resonadas?

Olhos fechados... Que distante eu ando!
São pateos, são repuxos, é verdura.
Caído num torpor, de quando em quando,
oh, que prazer sem nome me procura!

Flutuam bailadeiras.

Azulino,
o incenso ondeia em fumos rescendentes.
A água nos repuxos canta um hino
e eu sinto-me Sultão, senhor dos Crentes!

Nasci em Christo. Deu-me Christo a graça.
(Que Christo me perdôe o meu pecado!)
Mas no febrão que a mim me desinquieta
acorda a raça
e eu acho-me a clamar num grande brado:
— «Allah! Allah! Só Mahomet é teu Profeta!»



Luar de agosto

A AMÉRICO CHAVES DE ALMEIDA

Luar de agosto,
dizem que ao de janeiro dás p'lo rosto,
— e eu bem no creio, ó meu luar de benção!

Manjar que Deus pediu p'ra a sua mesa,
contigo incensão
os Anjos todo o Ceu e toda a Terra.
Ó oleo de pureza,
louvada seja a urna que te encerra!

Divino sacramento,
pairando espiritual, pairando lento,
ha indulgencia plena aonde cais.
Paisagens torcionadas, moribundas,
tu veste-las de graça, — se as inundas,
parecem por milagre imateriaes.

Teta a escorrer, peneira a peneirar,
quem é, cabrinha mansa, que te ordenha,
mó ligeirinha, quem te faz girar?

Mão que aveludas a aspereza ás coisas,
ó sementeiro de lirios e açucenas,
aonde quer que poisas,
logo em nevada espuma te desfazes!
Pastor de cisnes, vê se os não depennas!
Meu jardineiro dum jardim suspenso,
não sei p'ra que esbagôas os lilazes!

Ó doce, ó clementíssimo, ó piedoso,
ó sempre enternecido,
tu deves ser, luar sagrado, a amares
como o não era o apaixonado esposo
da moreninha ardente dos Cantares!

Dizem que ao de janeiro dás p'lo rosto,
luar de sonho, condoído e brando,
— e eu bem n'ó creio, ó meu luar de agosto!

A Sulamite, quando
a altas horas te apanhou na vinha
com passos cautelosos, vindimando,
não se assustou, ficou mas foi doidinha!

A voz da Sulamite, como
um fio de azeite na aspereza
da noite canicular :

*Lá bates tu ao postigo,
que teima a tua, luar!
Se já dormiste comigo,
não penses que has-de tornar!*

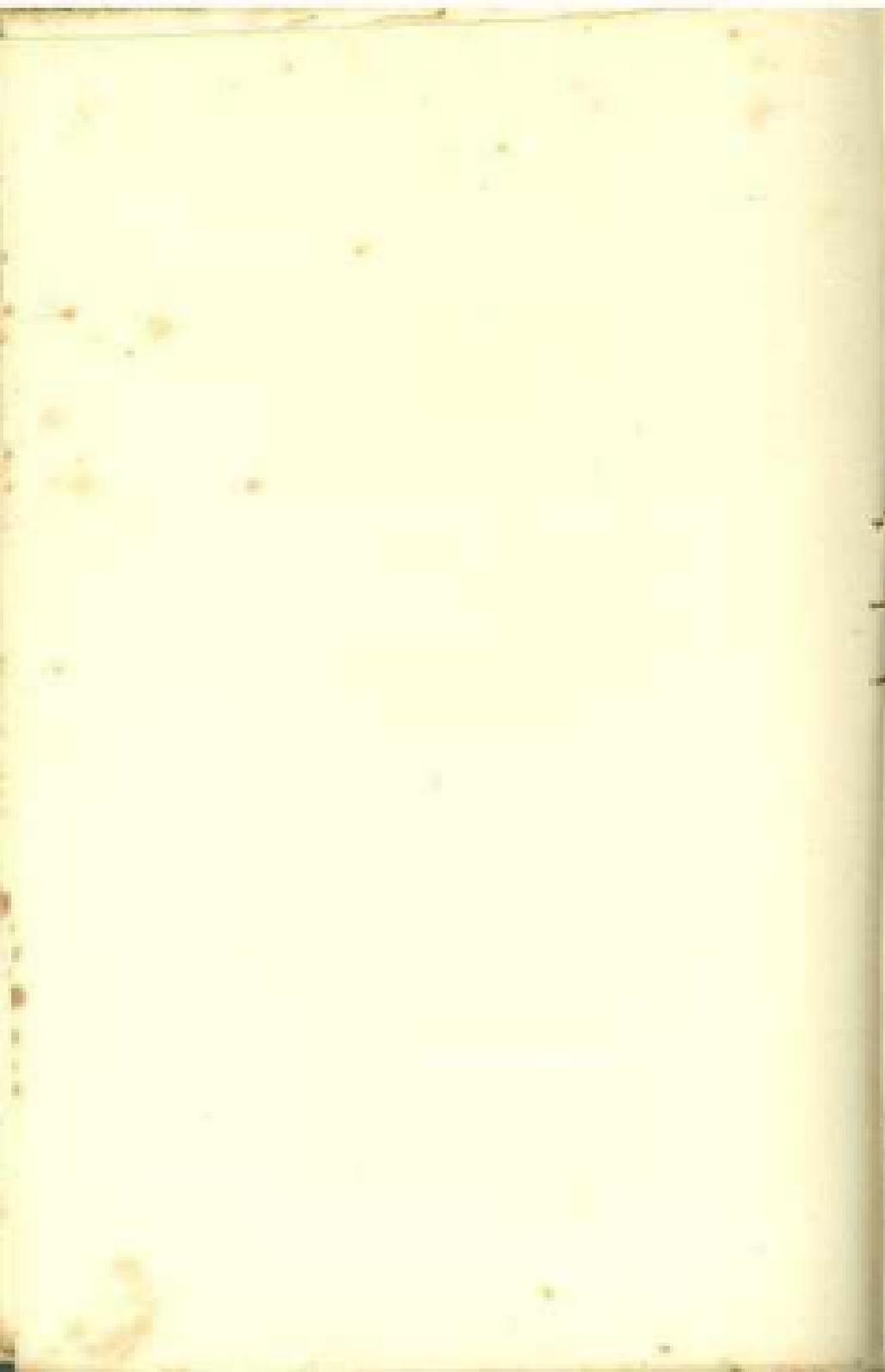
Chaga de luz, ó Ulcera-do-Lado
de Deus crucificado,
não saras nunca, esse sangrar não finda!
Rasga-te mais, deixa esvaír-te, ó chaga,
porque o jordão de amor que nos alaga
não é bastante ainda!

As Almas e as Raizes teem sede,
sede infernal que nada apazigua...
Olhos da Noite, ó astros de oiro, vêde
como a escaldar em febre a terra sua!

Á pobre, ardendo em rubro desvario,
ninguem lhe mata a sede insaciada.
A empeçonhada víbora do Estio
mordeu-a, remordeu-a com furor.
E a Agua expatriou-se,
anda por montes duros exilada.

Lua de agosto, minha Branca-Flor,
vem tu, vem tu, ó enfermeira doce,
pençar á terra o cancro abrasador!

Vem arranca-la da aflição, que é tanta!
Vem dar-te, ó hostia pura,
às Almas e às Raizes por igual!
Parte-te, despedaça-te, urna-santa,
— despenha-te da Altura,
ó demandado, ó místico San-Graal!



Diálogo a deshoras

A JOÃO DO AMARAL

Ficou a agua na bilha,
ficou na bilha ao relento.
A altas horas da serra
desceu a ocultas o vento.

Com as cautelas miudas
de quem namora e receia,
o vento agora baixinho
dá-lhe noticias da aldeia.

Finam-se os tanques de sede,
morreu de mingua um açude.
Como este Agosto das eiras
é tormentoso e bem rude!

E a agua posta á janela
dentro da bilha pergunta
se a fonte velha do outeiro
é já sequinha e defunta.

A agua e o vento conversam
num entretem muito doce.
— « Oh, como a noite é pequena!
Em vindo o dia acabou-se! »

— « Eu não te quero escondida!
Oíço-te a voz, não te vejo! »
— « Prouvera a Deus que eu pudesse!
Não tenho eu outro desejo!

« Metida nesta cadeia,
sou como Dona Silvana,
em sua torre fechada,
sem alcançar a ventana!

« Os meus cabelos, — tão nova! —,
se visses como estão brancos!
Oh, que retoíça a d'outr'ora
aos pulos sobre os barrancos!

« Oh, quando a gente dançava
peito com peito, agarrados!
Não sei o que é que faria!
Devo ter grandes pecados! »

E falam, dizem lamentos,
prometem juras fataes.
Ham-de fazer a vontade
contra a vontade dos mais.

E a agua, posta ao relento,
suspira em queixas de amor.
— « Ó bom fresquinho da noite,
és meu marido e senhor! »

Os dois despedem-se agora,
— é tempo já de abalar.
« Dá lá visitas, compadre,
a quem por mim procurar. »

E a agua, Dona Silvana
em sua torre fechada,
ficou gemendo saudades,
ficou chorando á sacada.

Rapsodia de outubro

Choram os Longes...

Em falinhas lentas,
num lento encomendar de agonisantes,
começa a devoção das Aguas-Novas.
Suor de febre,
ânsias profundas, horas inquietantes,
— entra a Planície em paz a conceber.
E virgem que era,
virgem se fica, sem pecado, como dantes.

Rasga-lhe o seio
o ferro duas vezes redentor.
Foi p'ra a ganhar um dia que ele veio,
chispando da bigorna.
E ganho a golpes esse palmo e meio,
o ferro audaz mansíssimo se torna,
com ele a amanhã agora o lavrador.

Mudou-se em relha de arado
a espada antiga da guerra.
Dá-nos o pão desejado
quem poude dar-nos a terra.

No útero esfalfado da Planície
dorme enrolada a víbora do Estio.

Só tu, Outubro, tens poder de encanto
p'ra lhe arrancar do útero em pousio
a serpe de maléfico quebranto.

E os Longes choram. São as Aguas-Novas.

Outubro, meu menino acontecido,
onde haverá criança mais mimalha?
Sempre em soluços, sempre num gemido,
quem é a mãe-madrasta que te ralha?

Outubro...

Ó ar de desfalecimento,
és uma lírica suspensa á volta!
A voz do vento,
triste, cansada, em tom cansado e lento,
não sei que frases de rimance solta.

E Melisendra, Dona Infanta, Silvaninha,
Roldão e Dom Gayfeiros
passam desfeitos com as folhas secas,
numa dorida e baça ladainha,
como um latim de instantes derradeiros.

E das charnecas,
de ventre retalhado p'la lavoura,
sobe uma sombra débil de cantiga,
de acentuação heroica, exortadora.

Sobe uma sombra débil de cantiga,
— perdida estrofe dum perdido sangue.
No pó das fossas a grandeza antiga,
rompendo o velho sono,
tenta vencer este feitiço langue,
— procura esconjurar o mal do Outono.

Em comunhão plenaria
os Mortos que caíram p'la courela
querem-se dar mais uma vez á gente.
E na viuvez da stepe, enquanto o arado
raizes e torrões desenovela,
num cântico solene e bem rimado,
sonham resuscitar com a semente.

Mas a invectiva épica esmorece.
Demora ainda a Primavera, a messe.
Agora só o Outono é que domina.

Troncos hieráticos. Folhagens de oiro.
Lagos dormentes. Hirtas alamedas
com os pavões aos gritos.
Vestem-se os horizontes de neblina.
E Outubro tísico, em ranger de sedas,
recita simbolismos exquisitos.

Não vejo a Terra-Baixa, a Terra-Chã!
Eu vejo apenas os jardins do Outono,
gozados por Tristão e Branca-Flor.
Ó Morte, minha irmã,
eu quero dormir um longo, um grande sono,
— dá-me o teu sono, que é reparador!

Outubro, — oh, que crepúsculo sem sexo! —,
não sabes se é manhã, se anoitecer!
Efebo lindo que te esvaies em opio,
antes abrir as veias
entre verbenas, açafão e loiro,
lendo o *Banquete* com as salas cheias!

Outubro, meu crepúsculo sem termo,
não sabes se é manhã, se anoitecer.
Mas, oh que estranho enfermo
que não possui nem forças p'ra morrer!

Choram os Longes...

Com falinhas lentas
entra a Planície em paz a conceber.
E virgem que era,
Santa Maria doce da Quimera,
virgem se fica, sem pecado, como dantes.

A Hora-Má

A GARCIA PULIDO

A Hora-Má até a Agua dorme!
Ha almas do Outro-Mundo,
não ladram cães, mas o silencio fala.
Tudo se empasta num borrão informe.
E quanto mais o negro não tem fundo,
mais o silencio faz ouvir a fala!

Oh, a Má-Hora em sitios pouco certos
com bodes passeando, olhos em brasa
e barbas de sovela!
Felizes dos que estão na sua casa
e em bôa cama o lar os aquartela!

Ninguém se afoite
por tres caminhos, por encruzilhadas,
quando é sem fundo o negro e alta a noite!

Muito padece quem é pobre e anda
por esses descampados noite fora!
Sente passadas. Põe-se a olhar p'ra trás.
E o triste nada vê, se é a Má-Hora,
se são as Coisas-Más!

Morte pelada, ó mão furada, ó abantesmas,
metendo-se do escuro com a gente,
de unhas viradas
e sete dentaduras,
todo o valor christão vos afugente!
(Doze palavras ditas, retornadas,
contra o poder do Inferno sois seguras!)

Sombra ruim, diabólico quebranto,
lançado ás gargalhadas sobre as costas,
com o sinal da cruz eu te esconjuro,
se sobre mim o teu furor carregas!
Ó voz calada do noturno espanto,
ó hora aberta em que o ladrão tem medo,
sois como a peste que caminha ás cegas
p'la imensidão, p'lo escuro!

Assaltam temerosos pesadelos
da borda do caminho a quem p'lo negro anda.
Deus nos acuda,
que até se me erriçaram os cabelos!
Valha-me a arruda,
que é herva de virtude em toda a banda!

Traçam morcegos curvas agoirentas.
Bichanos pretos
vagueiam lentos a assoprar ás portas.
Que procissão horrível de esqueletos,
de brancas, de compridas vestimentas,
a gente não encontra a horas-mortas!

Mais torvo de que um moiro,
saindo das entranhas do Profundo,
passa o Demonio em carruagem verde
com cavalinhos fuscos a puxar.
Dentes de prata, cabeleira de oiro,
o farricoco imundo
parece mesmo que ele vai casar!

Vai visitar a dona infanta da Austria,
dançar a contradança em que a princêsa
um par de solas gasta em cada passo.
Não ha dinheiro algum que chegue p'ra o calçado,
— marcha-lhe o Reyno inteiro na despesa.
E o pai amargurado
só lhe encomenda já chinelas de aço.

Ó cruz em ponte,
ó cruz em monte,
que a mão furada,
nunca me afronte!

San-Bartolomeu me disse
quer velasse, quer dormisse,
não tivesse nunca susto!
Se o Diabo pode muito,
pode mais o homem-justo!

Quatro cantos tem a casa,
quatro cirios nela estão.
Quatro anjos bemfeitores
do Diabo a guardarão.

San-Bartolomeu me disse
quer velasse, quer dormisse,
que estivesse em quietação!
Por Jesus me pôs os oleos,
contra os quaes não ha quebranto
p'ra mulher, nem p'ra varão!

E num clarão de enxofre
que os ermos de fogachos ilumina,
por sobre toda a folha, em cima das vassouras,
bruxas de esgrouinhada gaforina
passêam-se p'lo ar em torvelinho,
rugindo, ameaçadoras.

Famintas, roucas,
montadas de través nas suas rocas,
chupam os inocentes, as crianças,
dão maleficio ao gado, ás sementeiras.

Sapo-sapão, ó cão tihoso, não te cansas
em receber das feiticeiras loucas
o beijo de homenagem nas traseiras!

Que lindo cavaleiro assoma no caminho
numa mulinha branca!
Como um criado grave, de regalo,
o Demo segue-o, rindo-se, escarninho.
Dom Gil Rodrigues vai p'ra Salamanca
vender por baixo preço a Salvação.

E a Hora-Má avança... Oh, quando canta o galo?
Reze-se o *Credo* em cruz, — Christeleisão!

Erram defuntos. Ha ranger de dentes.
E em reboliço doido, em tropeladas,
não sei que estranhos entes
se espojam brutalmente, com loucura,
às quatro-esquinas, por encruzilhadas!

Como os que estão dormindo em casa são felizes!
E a Hora-Má não finda! E sem cantar o galo!
A Agua dorme. Crescem as raizes.
E quem lá fora andar a cada canto impeça,
se encontro bem peor não fôr topa-lo,
com velhas de peneira e de tripeça!

Uivam nas trevas animaes confusos.
São lobishomens no fatal destino,
cumprindo o fado.
E as bruxas passam, agitando os fusos,
num desatino,
— e entornam pragas e ruim-olhado.

Reina o Inimigo. E num cortejo enorme
volta o Demonio em verde carruagem
da habitual visita.

Á Hora-Má até a Agua dorme.
Não ladram cães, ha almas do Outro-Mundo.
E com receio ao galo
recolhe-se ás entranhas do Profundo
a procissão maldita.

Ó vidas incompletas, purgatorio
das formas imperfeitas, sem batismo,
vós conheceis á Hora-Má a liberdade!
Restos da Criação, sobejos da officina
em que o Senhor trabalha,
eu scismo
que infiltração, que espirito incorporeo
anima essa limalha
que não merece a aprovação divina!

Híbridos seres,
sois o regresso á noite apavorante
em que o fulgor da Luz, se não nos salva, mata!
Ó alma, quando em mim desfaleceres,
que possas tu transpôr, passar adiante,
do estreito limiar da carne bruta,
— ouvir a voz inata
da alta aspiração que em ti se escuta!

Não sejas tu refugio, errada obra,
que se engeitasse por não ser capaz,
— materia já tratada que sossobra
sem conhecer a paz!

Madeira com defeito tem emenda,
se houver alguém que a aplane com vontade.
Assim me atenda
o Criador-Supremo em Sua Imensidade!

Lá canta agora o galo!
O que tardou! Não é sem tempo já!
Enfim, foi Deus servido desperta-lo!
Passou a Hora-Má!

A El-Rey

*« Nos liberi sumus, Rex noster
liber est, et manus nostræ nos libe-
raverunt ! »*

OS CAVALEIROS EM ALMACAVE.

De capa e volta, de calção e vara,
hei-de ir, Procurador do meu Concelho,
falar ao Senhor-Rey com fala clara,
dizer-lhe uma oratoria que aparelho!

Côrtes-Geraes. O Reyno se prepara
p'ra ouvir a voz dos Povos em conselho.
Monforte ao Banco-Doze me mandara.
Real! Real! — e incline-se o joelho.

Ó Deus de Ourique, cumpre o prometido!
Leva-nos contra os novos mussulmanos,
— nós somos livres, livre é o nosso Rey!

Eu reconheço-lhe o morrião florido.
Onde eu me achava ha setecentos anos
com ele, já erguido, me encontrei!

Versículos do pão na mesa

Pão nosso de cada dia,
dêem-se graças a Deus!
O que é ter fome p'ra a fome
que nunca o saibam os meus!

A mesa quando está posta
é tal qual um altar!
— Toalha branca de neve,
Jesus no pão p'ra se dar.

Partiu-se o pão em fatias,
caiu p'ra o chão um bocado.
Que o pão agora caído,
por nós não seja lembrado!

Por nós não seja lembrado
o pão caído sem querer.
É já ergue-lo e beijá-lo,
— pode-se Deus ofender!

« Não como o pão que está duro,
dei-me outro, faça favor! »
— Filho, que nunca nos falte
com ele Nosso Senhor! »

Não digas nunca, menino :
— Desta água não beberei!
Tambem as serras abaixam,
nem sempre o rei se vê rei!

É bom comer-se de tudo,
quem sabe lá o que vem?!
Pão nosso de cada dia,
nunca nos faltas, amen!

Temos acesa a candeia,
temos a codea certinha.
Oh, quanta casa ás escuras,
sem ter um pó de farinha!

Matámos dois bacorinhos,
ha carne sempre na adega.
Temos em casa dum tudo,
é poucocinho, mas chega!

Sábado, — dia de esmolos.
Quanta tijela vazia!
Só sabe um pobre o que é ter-se
azeite na almotolia!

Pãosinho quente do forno,
— fim de semana, amassou-se.
É p'ra a pobreza o pão mole
o que é p'ra os ricos o doce!

Ó Padre-nosso, o pão nosso
de cada dia nos dais!
Comer-se quando se queira
são mais os menos que os mais!

Vinho entornado na mesa,
sinal de grande alegria.
Bem hajas tu, Padre-nosso,
Filho da Virgem Maria!

A mesa quando está posta
lembra um altar novosinho.
O pão é o corpo de Deus,
— o sangue dele é o vinho!

Deus na Planície

O Espírito de Deus flutua e erra
por todo este concavo profundo.
Assim errava Ele sobre a terra
quando pensou na criação do Mundo.

É noite. Aqui não ha mar, nem serra.
Ha o infinito, o vago. E cá no fundo
minh'alma que se excede e que se aterra,
ó Halito-Supremo em que eu me inundo!

Ó Halito-Supremo!... É noite escura.
E o Criador no enlevo em que eu me alago
domina e empolga a Sua criatura.

Sucumbe em mim o bicho vil da terra.
E como no Princípio sobre o vago
o Espírito de Deus flutua e erra.

FINIS
LAUS DEO



Indice

	Pag.
<i>Invocação</i>	1
Letreiro.....	5
Epitalâmio.....	7
A lição dos Horizontes.....	13
Senhora do Ó.....	19
Á pedra da lareira.....	21
Sant'Ana.....	23
O louvor da cal.....	25
A roca.....	29
A certa vila onde eu nasci.....	33
O elogio do púcaro.....	35
A cantiga da pedra.....	39
Balada do Vento-Norte.....	49
Hora christã.....	53

	Pag.
A canção dos grandes caminhos	57
A poesia das « <i>Folhinhas</i> »	65
Os Santos-Reis	71
Vila Viçosa	79
Para os cegos cantarem ao Povo	81
A Elvas, chave do Reyno	85
As vilas moribundas	87
A Olivença, a perdida	95
O motivo da Planície	97
Ladainha á agua nos cântaros	99
Redondilhas da roupa lavada	105
Cântico do Sangue	109
Variações da Saudade	119
Soneto da Visitação	127
Parentas velhas	129
A benção	135
Salmo da luz acêsa	137
A matança do porco	141
Março-marçagão	151
Fala San-João de Deus	165
Á Senhora minha Mãe	157
Lume Novo	159
O drama da Planície	165
O louvor do sal	171
Évora-Cidade	177
Á Senhora dos Prazeres	187
O louvor da casa	195
Maió-Moço	199
Toada do Menino	205

	Pag.
Poema do San-João	211
Geórgica da colheita.....	221
Ao levantar das eiras	229
Luar de agosto.....	239
Diálogo a deshoras	245
Rapsodia de outubro	249
A Hora-Má	255
A El-Rey.....	265
Versículos do pão na mesa.....	267
Deus na Planície	271



